

Prestes Dirige-se a Malenkov no 36.º Aniversário Da Grande Revolução Socialista



Pela passagem do 7 de Novembro, Prestes enviou a Malenkov a seguinte mensagem:

**GEORGE MALENKOV
MOSCOU**

O Partido Comunista do Brasil saúda calorosamente os heróicos povos soviéticos, o glorioso Partido Comunista da União Soviética e seu sábio Comitê Central pela passagem do 36.º aniversário da grande Revolução Socialista de Outubro. O P.C.B. realinha sua fidelidade sem limites à grande União Soviética, baluarte inexpugnável da Paz, da Democracia e do Socialismo.

O P.C.B. augura ao P.C.U.S. os maiores êxitos na tarefa histórica da construção da sociedade comunista.

Pelo Comitê Nacional do P.C.B.
Luiz Carlos Prestes



VIVA O GLORIOSO 7 DE NOVEMBRO!

VOZ OPERÁRIA

N.º 234 ☆ Rio de Janeiro, 7/11/1953.

No dia sete de novembro de 1917 — há 36 anos — surgia na Rússia o primeiro Governo Operário e camponês da história da humanidade. A paz para os povos, o poder para os soviets proclamou o II Congresso dos Soviets sob a direção do Partido de Lênin e Stálin. Como os bolcheviques conquistaram a maioria do povo, dirigiram greves portentosas, organizaram e levaram à vitória a insurreição do povo em armas.

(Ampla reportagem sobre as grandiosas e épicas lutas do ano glorioso de 1917, nas páginas 5 a 10 desta edição)

Assalto ao palácio de governo, último reduto do último governo burguês da Rússia.



Getúlio cria Novo Imposto Para Multiplicar Os Lucros da Light

O QUE É O FUNDO NACIONAL
DE ELETRIFICAÇÃO?

LEIA REPORTAGEM
NA PÁGINA DOZE

VOZ dos LEITORES

O Patrão Quer Produção Com Máquinas Imprestáveis

Somos 1.200 operários na Fábrica de Cigarros Sudan, situada na Rua Francisco Glacério, aqui em S. Paulo. Trabalhamos muito e somos explorados bastante. A Sudan exige 3 meses de experiência para cada operário que é admitido. Durante estes 3 meses o operário não é registrado e poderá ser despedido a hora que o patrão quiser, sem direito algum. Além disso ele tem de submeter-se a um salário de 1.900 cruzeiros por mês, com uma série de descontos. Os domingos e feriados não são pagos. Após a «experiência» a diretoria afirma que o ordenado será aumentado. Mas é uma chantagem. Depois da «experiência» eles passam a pagar o repouso semanal remunerado e dizem que isto é aumento. Quando existem grandes estoques de cigarros, os patrões e os chefões lançam-se sobre nós como animais ferozes, perseguem-nos e, por qualquer motivo suspendem-nos por 3 a 5 dias. As máquinas da «Sudan» já deviam estar no ferro velho há muito tempo. São imprestáveis mas, mesmo assim, o patrão quer produção, não quer cigarros grossos, nem finos, nem moles e nem

duros. Quer uma coisa perfeita com máquinas imprestáveis e, quando o cigarro sai com defeitos o maquinista é suspenso. Quando eles precisam de produção, obrigam homens e mulheres a trabalhar das 13,30 às 5,30 da manhã e outra turma (na qual trabalho), das 5,30 às 22 horas sem descanso, até mesmo para almoçar e jantar. Quem se negar a trabalhar assim é perseguido pelos lacaios dos patrões. Além disso, eles não nos pagam as percentagens devidas pelas horas noturnas. Um lanche que antes era servido, foi cortado.

Na seção de fumo o trabalho é pior ainda. Não existe ventilação alguma, e as operárias são obrigadas a aspirar durante 12 a 13 horas a terrível nicotina.

Todos os dias somos revistados como se fossemos ladrões e não os patrões como realmente o são. Se algum operário for encontrado com um maço de cigarro é mandado embora. Na «Sudan» não existe refeitório. Somos obrigados a nos sentar em caixões ou no chão e comer no meio de uma poeira terrível. Os micróbios são uma verdadeira imundície. Existem na «Sudan» umas 16 torneiras para nos lavarmos mas somente numa os patrões mandam ligar a água. As outras só servem de enfeite.

Nós não estamos satisfeitos com esta situação e seguindo o exemplo dos nossos companheiros têxteis e metalúrgicos já estamos fortalecendo nossa unidade dentro do Sindicato para podermos conquistar melhores salários e melhores condições de vida e de trabalho. a) A.S.C. — Operária da Sudan.



Posta Restante

SÃO CARLOS — Leitor O. Oraeltar — São muito interessantes suas sugestões visando à melhoria da VOZ OPERÁRIA. Não nos parece justo porém, diminuir a publicação de matérias de fundo teórico; ao contrário essas matérias correspondem plenamente ao caráter deste semanário e o que nos preocupa, aliás, é tratar esses assuntos com mais frequência procurando, é claro, torná-los na medida do possível, acessível ao nível de todos os leitores. Muito nos alegra a preocupação do amigo para com a seção «Voz dos Leitores» e incluí-se entre nossos objetivos não só melhorá-la, mas, também, enfrentando e vencendo as dificuldades materiais, responder por carta aos leitores que não possam ser ajudados apenas através da «Posta Restante». Suas perguntas, aliás, bastante oportunas, já estão em mãos do nosso redator especializado.

BARRA DO PIRAI — Leitor José Guida Filho — Recebemos seus versos intitulados «CAVALEIRO DA ESPERANÇA». Por não dispormos de uma sessão especial para esse gênero de colaboração, encaminharemos seus versos para o suplemento literário da IMPRENSA POPULAR.

PELOTAS — Amigo correspondente, dedicamos todo o interesse às suas numerosas colaborações, algumas das quais têm sido aproveitadas em parte. Outras, pe-

rém, correspondem mais ao gênero das matérias de jornais diários. Continue pois escrevendo e permita-nos enviar à IMPRENSA POPULAR aquelas colaborações que, embora bem escritas como são as suas, não possuam elementos necessários a uma matéria apropriada para o gênero de jornal semanário. Para a VOZ são objeto de preferência as matérias que contenham denúncias políticas e sobre a situação da classe operária nas empresas e das massas camponesas.

LAVÍNIA — Leitor Carlos Alexandre, solidarizamos-nos consigo quando denuncia o delegado Neves como um inimigo da democracia e dos trabalhadores, e pela agressão covarde que sofreu seguida de sua prisão por seis dias em Araçatuba. Congratulamo-nos pela sua enérgica resistência ao agressor. Gostaremos muito de receber cartas suas contendo denúncias e informações concretas sobre a situação dos camponeses sem terra, dos pequenos sítiantes etc., enfim, das vítimas dos latifundiários.

SÃO PAULO — Leitor A. G. Neto, achamos boa sua sugestão para que criemos uma seção dedicada exclusivamente aos problemas do campo e isto já está incluído em nossos planos de melhoria da VOZ OPERÁRIA. Quanto à simplicidade na linguagem, tomamos como modelo e nos esforçamos para atingir, o estilo stalinista, do qual, confessamos, estamos ainda muito distantes.

EXPLOÇÃO CRIMINOSA DE UMA LOCOMOTIVA

Escreve NEWTON CANDIDO

Explodiu criminosamente a caldeira da locomotiva número 1.001 entre as estações de Luiz Pinto e Bernardino de Campos, matando dois ferroviários. A causa do desastre é a falta de conservação do material ferroviário. Os engenheiros e chefes não prezam a vida dos que trabalham, só se preocupam em punir os empregados, multá-los, aplicar medidas arbitrárias para esconder suas responsabilidades.

As caldeiras não são lavadas pelo menos duas vezes por mês para tirar o resíduo de barro pegajoso, isso porque as locomotivas teriam de ficar paradas por um certo tempo. Os diretores proibem essas paralisações necessárias, com a fome de obter lucros maiores, com um trabalho incessante das máquinas.

Chafik Jacob, superintendente da Divisão, disse que o desastre lhe causava estranheza. Claro, um perseguidor e carrasco dos ferroviários como ele não podia alegar outra coisa. Mas, o acidente, chegou profundamente a família ferroviária que sabe

que são as ordens dadas por esse engenheiro que causam diariamente acidentes que levam a morte aos trabalhadores.

A Companhia força as locomotivas a puxarem um ou dois trens a mais, por mês. A segurança e a vida dos ferroviários não lhe interessa. O que ela enxerga são as cifras para os seus cofres.

As locomotivas têm válvulas de segurança para 200 libras de pressão. Ultrapassando esse limite a válvula automática tem de funcionar. Entretanto são frequentes as multas de 50 e 100 cruzeiros aplicadas aos ma-

quinistas e foguistas quando deixam descarregar as válvulas, muito embora a pressão tenha ultrapassado o limite. Se não se descarregar por um certo tempo, o manômetro avaria e, sem que o percebamos, a pressão sobe e faz explodir a caldeira. Foi o que aconteceu a «1.001».

Há locomotivas aqui que não explodiram por milagre. A «806», por exemplo há dias atrás acusou 300 libras de pressão, um excesso de 100 libras portanto. Quando se aperceberam disso, a locomotiva já estava tremendo sobre a linha, sintoma dos primeiros momentos da explosão. Um empregado enfrentando o perigo, subiu na locomotiva e fez funcionar os 2 injetores d'água da caldeira o que fez baixar a pressão.

Os ferroviários sofrem por imposição desse tirano da «Sorocabana» Chafik Jacob que implantou um regime



fascista na empresa. Seu lema é liquidar com os direitos e instituir a destruição e a ruína, enquanto joga toda a culpa sobre os ombros dos ferroviários, com suas absurdas penalidades. Ele é apoiado pelo governo de Getúlio e Garcez e pela sua justiça. Chafik fez um relatório demonstrando um lucro de 17 milhões de cruzeiros arrancados do suor dos ferroviários mas não fez constar os acidentes e prejuízos que deu por suas «medidas» absurdas e erradas.

Quando a Câmara de Vereadores de Botucatu protestou ante tantas injustiças praticadas na Sorocabana, e tal engenheiro Gonou de Oliveira respondeu cinicamente: «os ferroviários são punidos por serem corruptos», etc., gerando todo o peso das arbitrariedades sofridas por estes, como medidas justas aplicadas por Chafik. Hoje é esse engenheiro que tenta pedir apoio aos ferroviários para voltar a ocupar o cargo de Chefe da 3ª Divisão, no lugar de Chafik.

Vemos que nenhum desses homens é amigo dos ferroviários, razão por que os ferroviários acreditam só na sua organização, porque já estão cansados das duras consequências de um regime que os assassina e os oprime sem piedade.

TERROR EM ARARAQUARA

Um Delegado Bêbado Ataca os Jornais do Povo

O terror está reinando em Araraquara. Inúmeros camagaceiros e tiras comandados pelo conhecido bêbado, o delegado regional de polícia Camargo Pires, apunhado de Garcez, o «professor carestia», invadiram as residências dos senhores José Nogueira Neves e Her-

mes Valente, o primeiro, estimado comerciante de café na cidade e o segundo, funcionário da Estrada de Ferro Araraquara.

Como o sr. Nogueira não tivesse sido encontrado, foi intimado a comparecer à polícia. Ali foi submetido aos mais céticos interroga-

mentos, inclusive qual a sua «leitura predileta» e com quem havia tomado a assinatura do jornal «Notícias de Hoje», muitos exemplares dos quais a política do «professor carestia» roubou na sua residência e na agência dos Correios e Telefógrafos.

O sr. Hermes foi preso ao sair do serviço, por numerosa escolta armada de fuzil, etc., tendo permanecido preso por 4 dias só sendo libertado pela pressão e protesto de seus companheiros de trabalho que impetraram também um «habeas corpus». Contra o sr. Hermes, o bêbado Camargo Pires moveu um processo por encontrar em sua casa alguns exemplares de «Notícias de Hoje» e «VOZ OPERÁRIA», jornais que circulam em todo o Brasil e que esse fascista pretende censurar. Esse delegado faz ameaças aos partidários da Paz e todos os patriotas e estabelece o terror na cidade contra toda a população que não está disposta a se submeter às suas arbitrariedades, acobertadas por Getúlio e Garcez. a) A. Pedrosa.

EM MANDAGARI — E. DO PARANÁ

O Promotor Manda Assassinar os Camponeses

Fatos criminosos estão ocorrendo aqui em Mandaguari. O promotor público desta cidade, pegando dinheiro dos fazendeiros, manda despejar os trabalhadores de suas terras, altas horas da noite manda bater, surrar e até matar os homens que trabalham. Esse homem, serviço dos patrões, não tem qualquer escrúpulo. Usa de vários métodos para expulsar os trabalhadores sem pão, sem roupas, sem remédios, das fazendas de café.

Não obstante as diversas denúncias feitas ao Tribunal de Justiça do Estado por um advogado amigo dos trabalhadores, não se toma qualquer providência. O silêncio em torno das arbitrariedades continua e o famigerado promotor público, o maior dos criminosos, continua no posto, dando ordens aos capangas para fazer toda sorte de arbitrariedades, de perseguições contra os trabalhadores rurais desta zona, a maior Comarca do Paraná, uma das regiões mais ricas do Brasil.

O delegado de polícia também está fazendo o mesmo. Seguindo conselhos do promotor e comendo «bola» dos fazendeiros, há poucos dias esse policial despejou, sem mandado judicial, mais de 60 famílias que moravam numa fazenda. Essas famílias pegaram café para formar por 4 anos. Depois do café estar plantado, às vésperas de produzir, isto é, depois de derrubarem a mata, cavar, plantar, formar o café, os fazendeiros deram uma gargata ao delegado que fez o despejo dessas famílias de trabalhadores. Este ato vandálico, o delegado praticou com policiais armados de fuzis e outras armas, lançando à estrade homens, mulheres

e crianças ao relento sem comida, sem roupa e morrendo de doenças.

É o terror em Mandaguari. Inúmeras pessoas estão feridas pela pancadaria do promotor que também costuma tomar documentos dos trabalhadores, tais como contratos agrícolas, etc. Ergue-se o protesto de todo o povo contra esse bandido que é pago para massacrar trabalhadores, roubar suas terras e suas lavouras. a) Do Correspondente.

Greve de Colonos Contra o Veneno

Os colonos da fazenda Birole, em Fernandópolis, seção de café, realizaram uma greve de dois dias — de 17 a 18 de agosto do corrente ano — contra um ato criminoso do fazendeiro.

Os colonos nessa fazenda, que são mal remunerados percebem salários que não chegam para matar a fome, são vítimas de outras arbitrariedades. O patrão, não levando em consideração a presença dos colonos na lavoura, mandou pulverizar o cafezal em julho último com um veneno que intoxicou muita gente. Os trabalhadores vítimas do tóxico tiveram vômitos e dores de cabeça. O protesto foi geral. Os colonos avisaram o fazendeiro que, durante a colheita não pulverizasse mais com veneno. Se o fato ocorresse novamente, eles paralisariam o trabalho.

Mas, o fazendeiro não se

emendou. Segunda-feira, 17 de agosto, mandou pulverizar de novo o cafezal. Os colonos não vacilaram. Apesar das ameaças dos fiscais e do Administrador, paralisaram a colheita e reiniciaram o trabalho somente no dia 19, quando não mais havia perigo para a sua saúde. a) Benedito Barbosa da Silva, — Fernandópolis.



VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ

Av. Rio Branco, 257, 17.º and. sala 1712

SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.

P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 48.

Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Scel. Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.

Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPERIA

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 60,00
Semestral » 30,00
Trimestral » 15,00
N. avulso » 1,00
N. atrasado » 1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

O PRIMEIRO GRUPO COMUNISTA DO RIO

A Sete de Novembro de 1921 foi fundado o primeiro Grupo Comunista do Rio de Janeiro. O impacto da Grande Revolução Socialista abaleu e fez declinar rapidamente a influência anarquista sobre o movimento operário brasileiro. Não se tratava mais, agora, de discutir em teoria sobre qual a doutrina a seguir, sobre qual o rumo adequado para vencer os opressores. Tratava-se de reconhecer a lição da prática revolucionária que, guiada pelo marxismo-leninismo, reduzia a pó um dos principais baútes da reação mundial e estabeleceu a República Soviética.

O movimento operário em nossa pátria orienta-se cada vez mais para o comunismo. Além do Grupo Comunista do Rio, formam-se grupos comunistas em São Paulo, Santos, Cobatão, Pernambuco, Niterói, Juiz de Fora e no Rio Grande do Sul.

Já em 1919 tinha sido feita no Rio a primeira tentativa de fundação do Partido Comunista do Brasil, ao passo que no Rio Grande do Sul é fundado o Grupo Maximalista A 1.º de Maio, sessenta mil trabalhadores vivam na Praça Mauá, a Nova Rússia e Lênin. E' conquistada a jornada de oito horas. Os metalúrgicos suspendem o trabalho em protesto contra a intervenção imperialista na Rússia Soviética. Ao mesmo tempo, surgem as primeiras publicações de Lênin em nossa pátria: a «Carta aos trabalhadores americanos» e «Democracia burguesa e democracia proletária», que tiveram importância decisiva, ganhando para as posições comunistas antigos militantes sindicais e anarquistas.

Daí em diante, a influência comunista sempre crescente encaminha o proletariado brasileiro para a formação de seu provado ins-

trumento de luta de classe, para a criação de seu partido de vanguarda. A 25 de março de 1922, é fundado no Rio de Janeiro o Partido Comunista do Brasil. Nascido sob a inspiração da Grande Revolução de Outubro, o P. C. B. marca uma reviravolta histórica na vida de nossa pátria. Pela primeira vez as massas começam a ser orientadas para a conquista de sua verdadeira libertação.

Ao recordarmos neste Sete de Novembro a fundação do Primeiro Grupo Comunista do Rio de Janeiro, verificamos com orgulho que hoje, como no passado, o Partido Comunista da União Soviética é para os comunistas brasileiros o mestre, exemplo e modelo.

São os ensinamentos do XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética que iluminam nosso caminho, e abrem novas perspectivas para a nossa luta contra o imperialismo e a guerra, pela libertação nacional e social de nosso povo, como ressaltou o camarada Prestes em seu admirável Informe de Abril, onde estão expostos com toda a clareza, o caráter e os objetivos de nossa luta, nossa tática e nossa estratégia.

Ao comemorar-se o XXXVI aniversário da gloriosa Revolução Socialista de Outubro, os comunistas brasileiros regoziam-se calorosamente com o invencível Partido dos bolcheviques e reafirmam que: «Construir, fortalecer e desenvolver nosso Partido, como partido marxista-leninista-stalinista, à imagem e semelhança do Partido de Lênin e Stálin, eis nossa missão revolucionária, eis nossa mais honrosa tarefa a ser executada sob a direção do camarada Luiz Carlos Prestes, fiel discípulo do grande Stálin, chefe querido de nosso Partido, líder amado de nosso povo»

EDITORIAL

O "Esquema Aranha" e as Lutas Pelas Liberdades

Nem o próprio governo pode negar que suas medidas financeiras lançadas com o apelido de «esquema Aranha» têm como primeira e imediata consequência o agravamento da já difícil situação das massas populares, especialmente da classe operária.

Na realidade, como vem denunciado a VOZ OPERÁRIA, trata-se de um imposto ilegal arrancado da população e que o governo calcula em 18 bilhões de cruzeiros anuais, de uma violenta desvalorização da moeda o que equivale a dizer redução do valor real dos salários, de uma nova onda de aumentos de preços. Ao lado disso tudo, a elevação do custo da produção industrial torna a nossa indústria impotente para enfrentar a concorrência americana, o que significa ameaça de fechamento de fábricas e o consequente desemprego em massa.

Somente os cegos não percebem que, diante desta situação que não é mais uma ameaça mas um ataque aberto aos interesses vitais do povo, a classe operária, as massas populares e todas as camadas da população redobrarão a luta contra o empobrecimento sistemático, contra a fome, a miséria e o desemprego.

E o governo não deixa a menor dúvida quanto às suas intenções e planos de impor a ferro e fogo, pelo terror fascista a sua política de escravidão colonial e miséria crescente. A censura à imprensa começa pela imprensa falada: Getúlio revive os decretos ditatoriais que estabelecem a censura prévia às estações de rádio, advertindo que é proibido criticar o governo. A liberdade de reunião e manifestação é violada selvagemmente: a assembléia dos marítimos é dissolvida por ordem direta e expressa do Catete através do general fascista Calado de Castro, os

MANIFESTO DO 3º CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL AOS TRABALHADORES DO MUNDO

**Operários e operárias!
Trabalhadores manuais e intelectuais de todos os países!
Queridos companheiros e amigos:**

Viamos ao III Congresso Sindical Mundial de 79 países. Representamos 88.600.000 trabalhadores manuais e intelectuais organizados, de todas as raças e nacionalidades, de todas as opiniões políticas e crenças religiosas. Neste grande encontro sindical internacional, o mais importante na história do movimento operário, confrontamos nossas reivindicações e nossas lutas, nossos projetos e nossas esperanças. Elaboramos e adotamos, democrática e conjuntamente, um programa de ação que reflete as aspirações de todos os trabalhadores pelo bem-estar e pela paz.

Nos países submetidos ao jugo do grande capital, as massas trabalhadoras não aceitam mais viver na miséria, na incerteza, na fome, no desemprego, na opressão e em meio ao perigo de guerra. Unem-se e lutam por melhores condições de vida, pela defesa de seus direitos e a manutenção de uma paz duradoura.



Milhões de trabalhadores franceses e italianos realizaram, unidos, greves de duração e amplitude sem precedentes. Milhões de trabalhadores ingleses reclamam aumento de salários. Na Índia, no Brasil e no Irã, foram realizadas grandes greves de massas. Em uma importante parte da África, a ação unida dos trabalhadores permitiu arancar um Código de Trabalho aos colonialistas, ao mesmo tempo que se desenvolve em todo o Continente a luta contra a discriminação racial.

Em todos os países do mundo capitalista e colonial amplia-se o movimento operário: nos Estados Unidos e no Japão, na Grécia e na Espanha, na Indonésia e no Marrocos, nos países do Médio Oriente e na América Latina.

O movimento de libertação nacional cresce nos países coloniais e dependentes. A velha Ásia que durante séculos, esteve submetida ao jugo dos colonizadores, liberta-se por etapas sucessivas. Nasceu uma nova grande potência, a República Popular Chinesa que, com todas as forças pacíficas do mundo, defende a grande causa da paz, a segurança internacional e a independência nacional. Os povos do Viet-Nam e do Japão, da Malaca e Indonésia, do Oriente Próximo, da África e da América Latina lutam valorosamente por sua liberdade e independência.

Trabalhadores e trabalhadoras de todos os países!

Depende de vós, de vossa unidade, de vossa ação, que melhorem as condições de vida das pessoas simples que se consolida a paz no mundo, que se aploiem os êxitos obtidos. A luta constante dos povos pela paz produziu seus primeiros frutos. Terminou o derramamento de sangue na Coreia. Centenas de milhões de homens e mulheres atenderam ao Apelo do Conselho Mundial da Paz para resolver pacificamente todas as questões internacionais em litígio.

Entretanto, há forças na terra que se opõem ao debilitamento da tensão internacional. A paz é algo que não lhes interessa. Em busca do lucro máximo, especulam com um novo agravamento da tensão internacional, especulam com a guerra. Remilitarizam a Alemanha Ocidental transformando-a em foco principal de agressão na Europa; quem levar ao malogro a solução pacífica da questão coreana. Restauram o potencial militar do Japão, convertendo-o na principal base de guerra no Extremo Oriente. Rebaixam o nível de vida da classe operária. Aceleram a corrida armamentista que pesa, cada vez mais duramente, sobre os ombros das massas trabalhadoras.

O III Congresso Sindical Mundial mostrou que podemos unir-nos, todos os trabalhadores e trabalhadoras, os sindicatos de todas as filiações:

pela elevação dos salários, redução dos impostos, supressão do desemprego;

pela aplicação do princípio: «salário igual para trabalho igual» sem distinção de sexo, idade, raça ou nacionalidade;

pela supressão dos ritmos desumanos de trabalho; pelo desenvolvimento de um amplo sistema de seguros e assistência social;

pela abolição das leis antioperárias e a garantia dos direitos sindicais;

pela redução das verbas de guerra e utilização para fins pacíficos de desenvolvimento econômico e cultural dos recursos assim obtidos;

para que a Organização das Nações Unidas respeitando a sua própria Carta, desempenhe o papel e as atribuições que lhe correspondem para a cooperação pacífica dos povos.

A idéia da unidade penetra cada vez mais nas massas. E' cada vez mais forte o ardor dos trabalhadores pela unidade sindical: nas empresas, no plano nacional e no internacional.

A reconstituição da unidade sindical internacional terá consequências de alcance extraordinário. Contribuirá para uma nova diminuição da tensão internacional e recriará a corrida armamentista; favorecerá o desenvolvimento das relações de amizade no terreno econômico e cultural entre Estados de regimes sociais diferentes; ajudará ao ascenso da edificação pacífica, a redução do desemprego e o desenvolvimento do bem-estar dos povos.

Trabalhadores e trabalhadoras de todos os países e de todas as profissões!

Não nos esqueçamos das duras lições da segunda guerra mundial!

Reforcemos a unidade de nossas fileiras! Restabeleçamos a unidade sindical nacional e internacional da classe operária!

Criemos esta unidade nas empresas e escritórios, formemos uma frente única em defesa das reivindicações operárias!

Desmascaremos a política divisionista dos que, como os dirigentes da Federação Americana de Trabalho e do Congresso das Organizações Industriais dos Estados Unidos, impedem esta unidade!

Exijamos, em toda parte, que cada organização sindical e os organismos dirigentes da Confederação Internacional de Sindicatos Livres aceitem as propostas de unidade de ação da Federação Sindical Mundial!

Viva a unidade indestrutível dos trabalhadores do mundo inteiro!

Viva a Federação Sindical Mundial, que luta de maneira ativa e infatigável por uma paz duradoura, pela amizade entre os povos, por um futuro luminoso para toda a humanidade trabalhadora!

Vienna, 20 de outubro de 1953.

O Terror Colonial em Kênia

DOIS MINUTOS BASTAM PARA MANDAR A FORÇA UM PATRIOTA. VINTE MIL PRESOS, EM UMA SO' NOITE, EM NAIROBI. UMA MILHA DE TERRA RICA, PARA CADA 3 INGLESES, E UMA DE TERRA POBRE PARA 110 AFRICANOS. AUMENTA O TRABALHO FORÇA O E HA' 40.000 MENORES EXPLORADOS. MAS CRESCE A RESISTENCIA PATRIOTICA PELA LIBERTACAO DE KENIA



Assim age mos colonialistas ingleses no Kênia, espalhando o terror contra todo o povo que luta pela sua independência. Essa a liberdade que os imperialistas proclamam: a de oprimir e explorar os povos.

Na Ásia, onde prosseguem a guerra de extermínio contra o povo da Malala em luta de libertação nacional, na América onde desencadeiam o terror na Guiana inglesa e na África onde, do Cabo ao Cairo, executam uma bárbara política colonialista, os imperialistas britânicos demonstram que nada esqueceram dos processos de bandidos utilizados para a construção de seu império onde gemem tantos povos escravizados.

A situação em Kênia é, a esse respeito, das mais elucidativas. De um ano a esta parte, quando a política de saque desenfreado provocou vigorosos protestos dos nativos, principalmente os da tribo Kikuiu, os imperialistas, segundo declarações oficiais do ministro das Colônias, já mataram mais de 1.300 pessoas, feriram cerca de 514 e encarceraram 2.673.

O terror em massa, e o massacre indiscriminado, eis os métodos dos «civilizados» britânicos em luta com os «selvagens» negros de Kênia. Os dados oficiais revelam que em apenas dois meses (maio e junho) foram realizados 183 vôos, sobre 85 objetivos, lançadas 1.096 bombas e disparados 96.000 cartuchos. Para auxiliá-los, os britânicos armaram uma polícia de sicários nativos, que dispõe do direito de vida e de morte sobre as populações.

Depois das declarações feitas pelo ministro da Colônias, e que acima referimos, a repressão cresceu mais ainda. Basta dizer, que em apenas dois dias, as tropas do general Erskine prenderam, que Nairobi, 17.000 pessoas, numa população de 100.000. Em Nakuru, terceira cidade de Kênia, o processo utilizado foi o de cercar a cidade e ordenar, por meio de alto-falantes, que os africanos abandonassem suas casas, para facilitar a repressão.

John Whyatt, fiscal geral, declarou a 24 de junho, no Conselho Legislativo da Kênia, que em dois meses tinham sido examinados 10.000 processos, a razão de dois minutos por processo. Assim, em apenas dois minutos, os opressores decidem da vida e do destino de um patriota africano!

Desde 1.º de outubro, novas repressões foram desencadeadas, sendo novamente de-

tidos milhares de africanos, em Nairobi, capital do país. Apenas na primeira noite foram presas 20.000 pessoas, e concentradas em campos, de onde serão enviadas para as «reservas» destinadas aos africanos.

Os ingleses exigem de todas as pessoas provas de lealdade. Quem não as apresenta satisfatórias, a juízo exclusivo dos dominadores, pode ser enviado aos campos de trabalho ou às obras públicas. Dêsse modo, a pretexto de «comprovar a lealdade» dos britânicos aumentam o trabalho forçado em Kênia.

Todavia, apesar de toda a bestial violência desencadeada, cresce cada vez mais o movimento de libertação nacional e de resistência contra os opressores. As forças patrióticas estão em desenvolvimento e contam com a simpatia dos povos de todo o mundo.

Os ingleses, desde que começaram a «colonizar» Kênia há cinquenta anos atrás tomam cada vez mais terras, expulsando os legítimos donos. Enquanto 42 mil colonizadores possuem 16.700 milhas quadradas de terras férteis, 5.500.000 africanos contam somente com 50.000 milhas quadradas de terras pobres. Isto quer dizer que enquanto três, ingleses desfrutam, de uma milha de terra rica, cento e dez africanos têm de contentar-se com apenas uma milha de terra semi-impresrável.

A fome grassa intensamente, e, para fugir dela, os africanos são forçados a procurar trabalho nas terras dos brancos, onde são miseravelmente explorados, ou a dirigir-se para as indústrias extrativas e as cidades, onde recebem salários de fome. Ao mesmo tempo, os ingleses exploram desapiadadamente a mão de obra infantil que atinge a cifra de 40.000 menores. A mortalidade infantil atinge quase 50% e só há um médico para cada 20.000 habitantes.

Contra esse estado de coisas sempre lutou o povo. Já em 1922 era proibida a As-

sociação da África Ocidental e, poucos anos depois, foi posta fora da lei a Associação Central da tribo Kikuiu, que é a mais numerosa do país.

Depois da segunda guerra mundial foi fundada a União dos Negros de Kênia que conta com 100.000 filiados e que expressa as aspirações democráticas da população. Os

ingleses puseram-na também fora da lei e prenderam e condenaram Jomo Kenyatta e outros de seus dirigentes, ao passo que intensificam o massacre contra as populações do país. Mas estas, unindo-se cada vez mais para a luta, enfrentam vigorosamente os exploradores imperialistas e recebem a solidariedade calorosa de todos os povos do mundo.

A MARCHA DOS ANOS

— Doutor, sinto que minha hora está próxima.
— De quando datam os primeiros sintomas do mal?
— De outubro de mil novecentos e sessete.



Perón Vende a Argentina e Oprime Seu Povo

As condições de vida na Argentina pioram cada vez mais para a classe operária e as amplas massas do povo, enquanto aumentam os lucros da minoria parasitária que encontrou em Peron seu «homem forte». De acordo com o Boletim Mensal de Estatística das Nações Unidas do julho passado, que utiliza dados oficiais e, portanto, defraudados num sentido favorável ao Governo, tomando-se o ano de 1948 como ano base (índice 100) os índices do custo de vida em Buenos Aires passaram a 131, em 1949; 165, em 1950; 225, em 1951 e 312, em 1952. No ano em curso verifica-se nova alta. O custo da vida dobrou, de 1938 e 1948. Mas Peron está sempre atingindo novos records pois, como vimos, conseguiu triplicá-lo no período de 1948 a 1952...

Ao mesmo tempo o «justicialismo» dá novos passos para facilitar aos grandes trustes estrangeiros a entrada das riquezas argentinas e considerar o seu domínio no país. Um exemplo disso é a nova lei de inversões de capitais que Perón fez aprovar pelo Parlamento às vésperas da visita de Milton Eisenhower, ao qual prometeu novas e importantes concessões. A nova lei abre o caminho par-

ticularmente à Standard Oil que cobra o petróleo argentino, até agora sob controle dos Yacimientos Petrolíferos Fiscales (Y.P.F.), empresa estatal.

Enquanto isso o número de presos políticos sobe a centenas, em virtude do terror desencadeado contra todos os democratas e patriotas. O «Estado de guerra», decretado em setembro de 1951, continua em pleno vigor. As sedes do Partido Comunista sofrem ataques de vândalos e numerosas personalidades comunistas e não comunistas estão encarceradas. Entre elas destacam-se Benito Marianetti, membro do Comitê Central do Partido Comunista Argentino; Dr. Sanchez Viamonte, dirigente do Partido Socialista e presidente do Comitê Pró-Liberdade de Obdúlio Barthe, e Alberto Candiotti, dirigente do Partido Radical.

Essa política, que Perón intitula de «conciliação nacional» mas que é, na realidade, de conciliação com o imperialismo e as forças reacionárias internas do país, encontra cada vez maior repulsa popular e é dia a dia desmascarada pelos comunistas, que lutam consequentemente contra o peronismo e seus inspiradores imperialistas.



A União Soviética Desmascara Nova Farsa Americana

Respondendo a nota das potências ocidentais, na qual se incluía o convite para uma Conferência de Ministros das Relações Exteriores, em Lugano, a União Soviética desmontou mais uma farsa, armada pela diplomacia norte-americana com a cumplicidade do Foreign Office e do Quai d'Orsay.

Qual foi, realmente, o objetivo das potências ocidentais ao formularem o convite?

O convite para a Conferência de Lugano teve a mesma origem do que foi feito em agosto, após a reunião de Dulles, Salisbury e Bidault, em Washington. Pressionados pelo clamor da opinião pública que exige negociações em benefício da paz e da segurança internacionais, as potências ocidentais manobram em um duplo sentido: cuidam de afastar as possibilidades de uma reunião entre os chefes de Estado, destinada a solucionar os principais problemas do momento e, ao mesmo tempo, fingem-se favoráveis a negociações cuidando todavia de estabelecer as premissas necessárias para levá-las ao fracasso.

As potências ocidentais insistem na teimosa provocação consistente em afastar a China das grandes conversações que os povos exigem. Como se pode falar atualmente em alívio da crise política mundial, sem encaminhar a solução do problema coreano e da guerra imunda que os franceses travam na Indochina, para ficarmos somente em dois exemplos? E quem ousaria supor que essas duas questões vitais podem ser resolvidas sem a presença da China, país de influência decisiva em toda a Ásia e diretamente interessado em pôr termo às investidas dos agressores da Coreia e da Indochina que ameaçam suas próprias fronteiras?

Cinicamente, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França falam em discutir o problema alemão, para solucioná-lo. Mas todos sabem que essas potências são precisamente as violadoras dos acordos que regulam o pro-

blema alemão, que constituem os apoios e os amparos dos militaristas germânicos partidários da desforra. Nos quadros do agressivo sistema militar norte-americano, a Alemanha adenaurista desempenha um papel de destaque, como tropa de choque do imperialismo. Os acordos de Bonn dividem a Alemanha, violam sua independência, liquidam a democracia na Alemanha Ocidental e a transformam em colônia dos militaristas do outro lado do Atlântico. Quando propõem discussões sobre a Alemanha, os imperialistas sempre ressaltam que essas discussões devem «respeitar» os atuais «acordos» elaborados com a Alemanha Ocidental, isto é, convidam a URSS a compactuar com a escravização do povo alemão e com a preparação de uma guerra dirigida contra ela própria, convidam-na a aceitar como legítima a grosseira violação realizada pelos imperialistas dos acordos de Potsdam e Ialta.

Quanto ao tratado de paz com a Áustria, para sua assinatura restam apenas alguns pontos pendentes, que podem ser resolvidos pela via diplomática normal, e que só não o foram até agora devido à tentativa dos imperialistas de imporem ao povo austriaco e à URSS o chamado «tratado abreviado» que elas próprias elaboram em separado.

A posição do governo soviético é clara e conhecida. Ele continua sempre disposto a negociar em benefício da paz e do entendimento entre os povos. A URSS continua favorável a uma reunião entre os representantes das cinco grandes potências, sobre as quais a própria Carta da ONU lançou a principal responsabilidade pela manutenção da paz mundial. Amparados poderosamente pelo grande Estado socialista, os povos conseguirão impor finalmente o entendimento, apesar dos subterfúgios e das manobras imperialistas às quais se filiava o projetado encontro de Lugano.



«O poder aos Soviets, paz para os povos». Quadro dos pintores Natbandian, Basov, Meechmalnov, Prítivaya kl e Suedaliev laureados com o prêmio 944111.

7 de Novembro — Uma Nova Era Para a Humanidade

Hoje — SETE NOVOEMBRO — o proletariado internacional e os povos do mundo inteiro festejam o maior acontecimento de todos os tempos. Com ardente entusiasmo, com a confiança viril dos vencedores as forças mundiais da revolução e do progresso comemoram o triunfo da primeira Revolução Socialista.

A Sete de Novembro de 1917 o capitalismo recebeu um golpe profundo e mortal do qual jamais se poderá recuperar. Na sexta parte do globo nasce o primeiro Estado Socialista da terra. As mais altas e nobres esperanças do ser humano começam a transformar-se em realidade.

Nesta reportagem recordamos os acontecimentos daquele ano histórico de 1917 que culminaram na epopéia sem par do Grande Outubro.

A DERRUBADA DO TZARISMO

Janeiro e fevereiro de 1917. Há quase três anos os povos sangram na guerra imperialista. A Rússia estava exausta e

faminta. Em toda a Europa os povos clamam pela paz. Mas somente na Rússia existia uma força de vanguarda, organizada, capaz de guiar a torrente de ódio e de revolta contra a selvageria da guerra para a conquista da paz e da liberdade. O Partido Bolchevique foi o único que, arrostando as mais cruéis perseguições, enfrentou a onda de chovinismo e lutou, desde o primeiro momento, pela transformação da guerra imperialista em guerra civil para a derrubada do governo a serviço da guerra.

A vontade do povo pôde manifestar-se com todo o seu poder graças à direção dos bolcheviques. Grandiosas manifestações e greves têm lugar nas cidades mais importantes, em janeiro. A 14 de fevereiro 60 fábricas de Petrogrado entram em greve política geral. Manifestações com as palavras de ordem leninistas «Abaixo a guerra! Abaixo o czar!». A 24 os grevistas são 200.000. A 25 a greve é geral. A 26 o czar ordena a repressão, o «restabelecimento da ordem», decreta a dissolução do parlamento. Vã tentativa. O Partido concita à organização dos soviets e lança o apelo para a formação dum governo provisório.

A 27 a autocracia é derrubada. As tropas aderem em

massa à revolução. Organiza-se o Soviet de Deputados Operários de Petrogrado. Forma-se o Soviet de Operários e Soldados de Moscou. A revolução se propaga como um raio.

Com visão profunda dos acontecimentos, Lênin mostra que «correntes absolutamente diferentes, interesses de classe absolutamente diversos, tendências políticas e sociais absolutamente opostas» tinham atuado em conjunto. De um lado, os locais burgueses do imperialismo que eram compelidos a tomar o poder para continuar a guerra; de outro lado, «o profundo movimento do proletariado e das massas do povo (toda a população pobre das cidades e dos campos), movimento de caráter revolucionário pelo pão, pela paz, pela verdadeira liberdade».

AS TESES DE ABRIL

A 5 de março reaparece a «Pravda». A 12 Stálin chega a Petrogrado. A 3 de abril chega Lênin, os bolcheviques de Moscou decidem organizar a «milícia popular armada». A 7 de abril a «Pravda» publica as Teses de Lênin das quais reproduzimos alguns trechos fundamentais:

«A peculiaridade do momento atual na Rússia consiste na passagem da primeira etapa da revolução, que deu o Poder à burguesia por carecer o proletariado do grau necessário de consciência e organização, à sua segunda etapa, que porá o Poder nas mãos do proletariado e dos camponeses pobres».

«Não dar o menor apoio ao Governo provisório; explicar o caráter absolutamente mentiroso de todas as suas promessas, principalmente a renúncia a anexações. Desmascarar este governo, o governo dos capitalistas, em vez de «exigir» que deixe de ser imperialista, coisa inadmissível e que não faz mais do que despertar ilusões».

«Explicar às massas que o Soviet de Deputados Operários é a única forma possível de governo revolucionário, razão pela qual, enquanto este governo se submeta à influência da burguesia, nossa missão só pode consistir em explicar, de modo paciente, sistemático, tenaz e adaptado especialmente às necessidades práticas das massas, os erros de sua tática».

«Não uma república parlamentar — voltar a ela seria um passo atrás em relação aos Soviets de Deputados Operários — mas uma república dos Soviets de Deputados Operários, Jornalheiros do Campo e Camponeses, em todo o país, de baixo para cima». (Lênin, Obras Escolhidas, 3.º vol. Ed. Problemas, B. Aires)



«A Conferência de Abril dos bolcheviques em 1917», quadro do pintor russo N. Avvaïumov. Lênin desenvolve o plano genial da passagem da revolução democrático-burguesa à revolução socialista. Stálin fez um informe sobre a questão nacional

O Partido Bolchevique tomou em suas mãos, com tãda a energia, a tarefa imensa e grandiosa de ganhar as massas para as posições leninistas ☆ Os dois poderes surgidos da revolução de fevereiro

Em consequência da revolução triunfante, que derrubou o czarismo, surgiram na Rússia, dois poderes — o Governo provisório e o Soviet dos Deputados Operários e pelos soldados. Nunca, em país algum, havia ocorrido antes semelhante fenômeno.

Para o povo armado, operários e soldados, o Soviet era o órgão do poder popular que devia cumprir todos os objetivos da revolução e cujo primeiro passo seria concertar a paz. Mas enquanto os bolcheviques se punham à frente das lutas das massas nas ruas e nas trincheiras, os partidos oportunistas, os mencheviques e social-revolucionários, cuidavam unicamente de fazer eleger seus candidatos, alcançando a maioria na maior parte dos Soviets. Além disso, os principais dirigentes bolcheviques estavam no cárcere ou no desterro — Lênin estava emigrado, Stálin e Sverdlov estavam na Sibéria — enquanto os oportunistas passeavam alegremente pelas ruas de Moscou e Petrogrado. Havia também a boa fé e a inexperiência política das massas. Ao passo que 40% do exército, numerosos pequenos-burgueses, artesãos, pequenos proprietários e outros elementos sem a ideologia operária entraram para as fábricas para fugir ao serviço militar.

Sem experiência política e embriagadas pelos êxitos ini-

ciais da revolução, as massas deixaram-se enganar pelos oportunistas e os elegeram para os Soviets. Em março de 1917, à revelia dos bolcheviques, os mencheviques e social-revolucionários tramaram nos bastidores a formação dum governo provisório presidido pelo príncipe Lvov, homem de confiança do czar, e do qual faziam chefes políticos dos partidos burgueses. Apesar dos protestos dos bolcheviques, a maioria do Comité Executivo do Soviet aprovou a conduta dos oportunistas.

Assim formou-se um novo poder estatal com os representantes da burguesia e dos latifundiários aburguesados, ao lado do poder dos operários e camponeses representado pelos Soviets.

A 27 de março o Governo provisório se declara pronto a prosseguir a guerra, ao lado dos aliados, até a vitória final.

«A burguesia, declara Stálin no comício de Primeiro de Maio, foi a primeira a formular o problema da dualidade do poder, a primeira a formular o dilema: ou o governo provisório, ou o Soviet dos Deputados Operários e Soldados. Não seria digno de nossa parte eximir-nos de dar resposta a uma pergunta formulada com clareza. Os operários e os soldados devem dizer de modo claro e preciso qual é o seu governo: o go-

vêrno provisório ou o Soviet dos Deputados Operários e Soldados?»

As fábricas as massas

Com uma rapidez sem exemplo na história, organiza-se o proletariado russo. Somente em março e abril, sob a direção dos bolcheviques, organizam-se somente em Petrogrado e Moscou 130 novos sindicatos. Os bolcheviques enfrentam os oportunistas e denunciam o governo provisório nos quartéis, nas fábricas e nos bairros operários. A conferência dos comités de fábrica, de 30 de maio a 3 de junho, em Petrogrado, realizou-se sob a direção exclusiva dos bolcheviques.

São aplicadas com audácia e espírito ofensivo as diretrizes do Comité Central:

- 1 — Explicação da linha proletária e do caminho proletário para terminar a guerra.
- 2 — Crítica da política pequeno-burguesa de confiança e conciliação com o governo provisório.
- 3 — Propaganda e agitação de grupo em grupo, em cada regimento, em cada fábrica, particularmente entre as massas mais atrasadas nas quais a burguesia se apoia nos dias de crise.
- 4 — Organização, organização e ainda uma vez organi-



Decisivo foi o papel da imprensa revolucionária na conquista das massas. Logo após a revolução de fevereiro reaparece a «Pravda». Surge e em seguida o «Social-democrata». Em abril cria-se a «Soldatskaja Pravda», logo em seguida da «Udarnaja Pravda» («Pravda das Trincheiras»). O Partido tinha em julho de 1917 41 jornais, 29 em russo e 12 em outras línguas.

zação do proletariado: em cada fábrica, em cada quartel, em cada grupo de casas.

Os bolcheviques, naquele momento, não incitavam a insurreição, não exigiam a derubada do governo provisório. Viam a possibilidade do desenvolvimento pacífico da revolução. Por meio dum trabalho de esclarecimento, visavam à maioria dentro dos Soviets e, por este meio, modificar sua política, e em consequência a composição e a política do governo.

O manifesto de julho

A política de guerra do governo provisório só podia agravar a situação do povo. A notícia de uma nova ofensiva na linha da frente desmascarava o governo. A 16 de julho começaram as manifestações espontâneas. Surge o perigo dum choque armado prematuro para o proletariado. O Partido delibera tomar

parte na manifestação para dar-lhe um caráter pacífico e organizado. Centenas de milhares de manifestantes dirigiram-se ao Soviet de Petrogrado exigindo todo o poder aos Soviets, a ruptura com a burguesia e uma política de paz. A manifestação foi covardemente atacada. Correu o sangue dos operários e soldados.

As baionetas na ordem do dia

Os mencheviques mancomunados com a burguesia deram alento à contra-revolução. A repressão foi desencadeada sob as instâncias do embaixador inglês Buchanan,

que exigia a punição dos manifestantes.

A «Pravda» foi saqueada e empastelada. Foram suspensos os jornais bolcheviques. Começou o desarmamento da guarda-vermelha. Numerosos militantes foram presos. Num comando de «Listok Pravda» foi assassinado o operário Volnov. O governo decreta a prisão de Lênin.

Estes acontecimentos determinam o fim da dualidade de poderes. Com os Soviets ainda nas mãos dos oportunistas, o poder passa inteiramente às mãos da burguesia. Com isto termina o período pacífico da revolução. Começa um novo período de crises e explosões violentas. As baionetas estão na ordem do dia.

QUE ACONTECEU?

Isto aconteceu a 3 e 4 de julho. Os operários e os soldados marchavam juntos pelas ruas de Petrogrado gritando: «Tudo o poder aos Soviets dos Deputados Operários e Soldados!»

Que desejam então os operários e os soldados, que pediam?

Talves a derrubada dos soviets? Certamente que não! Os operários e os soldados exigiam então que os soviets tomassem todo o poder em suas mãos, aliviando as duras condições de vida dos operários, dos camponeses, dos soldados e dos marinheiros. Exigiam o fortalecimento dos soviets e não seu enfraquecimento e sua destruição.

Queriam que os soviets, após tomarem o poder, liquidassem com os latifundiários, dando imediatamente a terra aos camponeses, sem deixar a coisa para as calendas gregas. Queriam que os soviets, após tomarem o poder, rompessem com os capitalistas, criando melhores condições de trabalho e instituindo o controle operário sobre as fábricas e sobre as oficinas. Queriam que os soviets, depois de serem apresentadas justas condições de paz, pusessem finalmente término à dura guerra que arrebatava milhões de jovens vidas. Eis o que exigiam então os operários e os soldados.

Mas os líderes mencheviques e social-revolucionários do Comité Executivo não quiseram tomar o caminho da reavaliação. A aliança com os camponeses revolucionários preferiram o entendimento com os capitalistas. A aliança com os soldados e os marinheiros revolucionários preferiram a aliança com os alunos da escola militar e os cossacos. Após haverem pérfidamente declarado inimigos da revolução os operários e os soldados bolcheviques, voltaram contra estes as próprias armas, para gaudio e conforto da contra-revolução.

Cegos! Não perceberam que disparando contra os bolcheviques dispararam contra a revolução, preparando a vitória da contra-revolução. Justamente por isso os contra-revolucionários, que até então se haviam conservado escondidos nas trevas, saíram das tocas.

A vitória da contra-revolução é a vitória dos latifundiários. Mas os camponeses não podem mais viver sem terra. Por isso é inevitável uma luta energética contra os latifundiários.

A vitória da contra-revolução é a vitória dos capitalistas. Mas os operários não podem se acalmar sem uma radical melhoria de suas condições de vida.

Por isso é inevitável uma luta energética contra os capitalistas.

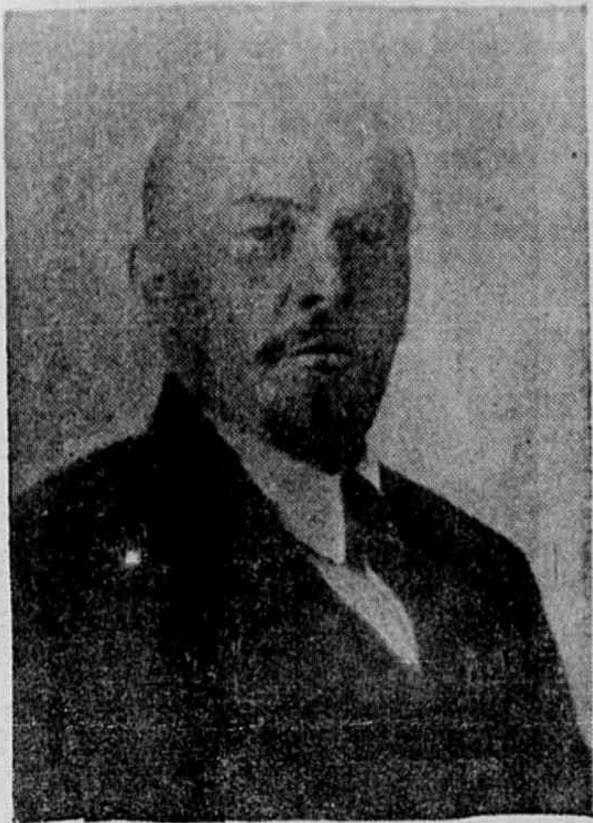
A vitória da contra-revolução significa a continuação da guerra, mas a guerra não pode continuar por muito tempo porque o país sufoca sob seu peso.

Por isso a vitória da contra-revolução é precária, efêmera. O futuro prepara uma nova revolução. Somente a insaturação do poder absoluto do povo pode dar aos camponeses a terra, pode organizar a vida econômica do país e garantir a paz tão necessária aos povos martirizados da Europa.

(J. Stálin, artigo no «Rabótschi i Soldat», 22-7-1917 — 3.º vol. Obras, Ed. Vitória).



«Lênin e Stálin em Moscou — quadro de Dmitry P. Kotzin. Em julho de 1917, o governo provisório ordenou a prisão de Lênin. Lênin viu-se obrigado a ocultar-se numa choça perto da estação de Itzliv, nos arredores de Petrogrado. O quadro reproduz uma cena de despedida depois de um encontro com Stálin.



LÊNIN



STALIN

O Partido Bolchevique surge como a principal força da revolução e dirige a luta que derrotou a contra-revolução kornilovista. A insurreição armada na ordem do dia

RUMO A INSURREIÇÃO

A maré da revolução continuava a crescer. O terror desencadeado pelo governo provisório após as manifestações de julho foi incapaz de impedir o aumento vertiginoso da influência dos bolcheviques. A vaga bolchevique invadia os soviets. Os oportunistas adiavam as eleições nos soviets, prolongando uma situação em que a direção não correspondia mais à vontade da base. Em Moscou, seis de cada dez soviets distritais estavam nas mãos dos bolcheviques. As massas desalojavam os mencheviques dos soviets. Em três meses, desde a Conferência de Abril até o VI Congresso de 26 de julho a 3 de agosto os efetivos do Partido elevaram-se de 80.000 a 240.000 membros.

O VI Congresso teve de reunir-se na clandestinidade. O governo proibiu as reuniões e congressos. Mesmo assim reuniram-se 157 delegados com voto deliberativo e 112 com voto consultivo. Instalado no bairro de Viborg, o Congresso terminou seus trabalhos no outro extremo da cidade tendo que abreviar a duração de seus trabalhos, tal era o perigo. Lênin, refugiado em Razliv, não pôde comparecer pessoalmente. Mas a direção e os conselhos de Lênin estavam presentes através dos seus fiéis discípulos Stálin, Sverdlov, Ordjonikidze, Djerdjinski.

O VI Congresso repudiou a traiçoeira tese trotskista de que Lênin devia comparecer perante a justiça burguesa a pretexto de que o processo seria uma grande propaganda da revolução. As medidas de segurança tomadas por Stálin para preservar a vida do chefe da revolução foram aprovadas.

O ponto mais importante da ordem do dia foi a discussão sobre o momento político. Com lógica de ferro Stálin destruiu os falsos argumentos trotskistas e bukarinistas contra a preparação da insurreição. Guiado pela mão segura de Stálin o Congresso cerrou fileiras em torno das propostas leninistas.

Qual era a situação? O Poder tinha dado uma guinada para a direita. Os soviets estavam completamente despojados do poder. O governo substituiu as liberdades conquistadas pelas «leis de exceção» contra os bolcheviques, licenciava os regimentos revolucionários, procurava desarmar a revolução. Nessas condições o poder não podia passar pacificamente para as mãos dos soviets. Tinha que ser arrebatado pela força.

Mas os oportunistas que ainda dominavam os soviets de colaboradores da burguesia tinham se transformados abertamente em auxiliares da contra-revolução. A palavra-de-ordem «Todo o poder aos soviets!» tinha que ser suspensa temporariamente até que essa situação mudasse.

Dois caminhos abriam-se diante da Rússia: ou cessar a guerra, romper os laços com o imperialismo, derrubar o poder da burguesia e começar a era da revolução proletária; ou continuar a guerra, submeter-se ao imperialismo e à burguesia e dar a vitória à contra-revolução.

O VI Congresso escolheu o caminho da revolução.

A REVOLTA DE KORNILOV

A burguesia preparava febrilmente a contra-revolução, marchava para o golpe visando instaurar a ditadura militar. O homem para a empreitada foi encontrado na pessoa do general czarista Kornilov do qual disse o embaixador inglês Buchanan: «Kornilov é muito mais enérgico que Kerenski».

O governo provisório estava a par de todos os preparativos. Kerenski facilitava tudo, satisfazia todas as exigências de Kornilov, que a 25 de agosto enviava seu ultimatum: proclamação da lei marcial em Petrogrado, demissão de todos os ministros, formação do novo governo sob sua direção pessoal.

O Partido Bolchevique mobilizou todas as suas forças contra os partidários de Kornilov. O proletariado de Petrogrado, convencido da traição dos mencheviques, acorreu ao chamamento do Partido. A organização dos destacamentos da Guarda Vermelha passou a fazer abertamente. Os operários foram armados e os manifestantes de julho, que tinham sido presos, foram libertados. A guarnição de Petrogrado substituiu os comissários mencheviques por bolcheviques. Começou o trabalho de agitação entre as próprias tropas de Kornilov. Em torno de Petrogrado cavaram-se trincheiras e estenderam-se rédes de arame farpado. A Guarda Vermelha foi lançada contra Kornilov. Os marinheiros do Báltico colocaram-se ao lado dos bolcheviques.

Os ferroviários arrancavam os trilhos para impedir o avanço de Kornilov. O Soviet de Luga repeliu o ultimatum de dar passagem às tropas pela localidade. A 30 de agosto os cossacos da divisão do Don apresentaram-se ao Soviet de Luga, propondo-se prender o comandante kornilovista, general Krimov, o que foi feito.

A ofensiva da «divisão selvagem» composta de muçulmanos também foi um vergonhoso fracasso. Kirov, que se encontrava em Moscou, organizou uma delegação de agitadores muçulmanos que explicavam aos soldados os objetivos de Kornilov. A «divisão selvagem» tornou-se inofensiva para a revolução. Igualmente em Petrogrado os oficiais de Kornilov foram isolados e desbaratados, acabaram fugindo com o dinheiro recebido para preparar o golpe.

A rebelião resultou num fiasco. Os bolcheviques surgiram como a principal força da revolução. A correlação de forças mudou profundamente. A palavra-de-ordem «Todo o poder aos Soviets» adquiria novo conteúdo. Agora, ela passava a significar o poder para os bolcheviques, pois a maioria dos soviets já era bolchevique.

A insurreição armada estava na ordem do dia. A vida confirmou a justeza das resoluções do VI Congresso.

SOB A SABIA ORIENTAÇÃO DE LENIN FIRMEMENTE EXECUTADA POR STALIN, O VI CONGRESSO ELEGEU O COMITÊ CENTRAL QUE DEVEIA DIRIGIR O PARTIDO NA PREPARAÇÃO DO ASSALTO E NA TOMADA DO PODER: EM BAIXO OS PRINCIPAIS MEMBROS DO C.C. LENINISTA NA ÉPOCA DA GUERRA CIVIL.



MOLOTOV



KALININ



SVERDLOV



DZERDJINSKI



KUIBISCHEV



KIROV



ORDJONIKIDZE



ANDREIEV



FRUNZE



VOROCHILOV

As Jornadas Decisivas...

A CRISE ESTA' MADURA. TODO O PAIS ESTA' ALERTA ESPERANDO O SINAL PARA O COMBATE, SABENDO QUE O SINAL VIRA' DE PETROGRADO E DE MOSCOU

Depois da derrota de Kornilov, a contra-revolução tentou alcançar seus objetivos «por outros meios». Os grandes capitalistas organizaram a sabotagem da produção, desmantelaram os transportes, entregaram-se a uma especulação desenfreada. Em toda a Rússia, os patrões exigiam praticamente a anulação dos comitês de empresa sob pena de fechamento das fábricas. Os «lock-outs» anti-operário paralisava as fábricas de Petrogrado aos Urais. Os latifundiários retinham o trigo, os especuladores e cambio-negrístas escondiam as mercadorias. Os preços voavam.

Em setembro e outubro, os operários de Moscou e Petrogrado recebiam menos de 200 gramas de pão por dia. De maio a agosto os preços tinham dobrado e continuavam subindo. Os salários eram pouco mais da metade, 57,5%, dos salários de antes da guerra. A burguesia queria dobrar o proletariado pela fome.

Ao mesmo tempo, o governo de Kerenski planejava golpear a cabeça da revolução. Primeiro tentou enviar

as guarnições revolucionárias de Petrogrado para a frente de batalha, depois quis transferir a capital para Moscou. Era evidente o plano de entregar Petrogrado revolucionária aos imperialistas alemães, com o objetivo infame de incumbi-los de afogar em sangue o centro dirigente da revolução.

Mas não havia mais força humana capaz de impedir o avanço da revolução. A maioria esmagadora do povo estava com os bolcheviques.

CRESCE SEM CESSAR A VAGA REVOLUCIONARIA

Em resposta à ofensiva da burguesia, uma onda crescente de greves atingiu uma envergadura que superou o nível mais alto das greves durante a revolução de 1905. Os metalúrgicos de Petrogrado lançaram a luta geral pela revisão dos contratos, de trabalho. Simultaneamente erguem-se os metalúrgicos de Moscou. O movimento expandiu-se por todo o país. Não tardaram a entrar na luta os têxteis, os mineiros

cuja greve mobilizou toda a bacia do Doutz, os ferroviários que «queriam recuperar o tempo perdido», os trabalhadores em couro, os gráficos. Os diversos destacamentos da classe operária em luta.

A classe operária tinha criado uma vasta rede de sindicatos que agrupava dois milhões de trabalhadores organizados, sendo um milhão só em Petrogrado e Moscou. Partindo das reivindicações econômicas os operários se convenceram rapidamente da necessidade de conquistar as reivindicações políticas: o governo enviou os cossacos contra os mineiros grevistas, os mineiros exigiram a retirada imediata das forças punitivas, destruíram os administradores e assumiram a direção da produção; os metalúrgicos de Karkov prenderam os diretores da Cia. Geral de Eletricidade e os entregaram à Guarda Vermelha; as fábricas fechadas pelos patrões foram reabertas sob direção operária. O movimento tocava direto na questão do poder e na direção das empresas.

Ao mesmo tempo, a luta das massas camponesas se amplia e se radicaliza. Os choques esporádicos com os latifundiários são substituídos pelas ações em massa de despejo dos latifundiários dos seus tradicionais domínios. A 27 de setembro o governo se alvoroça com um violento movimento contra os latifundiários de toda a região de Saratov, a 3 de outu-

bro o movimento abrange toda a província da Volínia, a 4 são ocupadas e distribuídas as terras da província de Kursk e mais Penza e mais Riasan, a 6 de outubro chegam notícias semelhantes do Cáucaso, de Minsk, de Karkov. O movimento se propaga de uma região a outra. O governo anuncia o plano de enviar forças repressivas a 20 províncias, um terço da Rússia Européia. As expedições punitivas foram gasolnadas ao fogo. As últimas ilusões dos camponeses no governo dissiparam-se. As sublevações camponesas lavram no interior como um incêndio incontrolável.

Mais ainda: as sublevações camponesas repercutem profundamente nas trincheiras, as tropas apoiam seus irmãos camponeses. Os comitês bolcheviques se multiplicam no exército e na armada, os bolcheviques são eleitos para os soviets de soldados e marinheiros, as forças armadas se bolchevizam.

A CRISE ESTA' MADURA

em toda parte, nos Soviets e nas organizações do Partido, há um ponto comum na ordem do dia: «o momento presente», isto é, a insurreição armada. Lênin, habilmente disfarçado, volta a Petrogrado e a 10 de outubro, depois do três meses de ausência reúne-se pela primeira vez com o Comitê Central. A revolução batia às portas e o C.C. ainda tinha que se reunir na ilegalidade!

«Politicamente — disse Lênin — a coisa está completamente madura... É preciso tratar do aspecto técnico. Tudo consiste nisto». Tratava-se apenas de fixar a data da insurreição. A resolução de Lênin foi aprovada por dez votos contra dois, Kamenev e Zinoviev.

Os efetivos do Partido tinham se levado a 400.000. A distribuição desse exército político obedecia rigorosamente à política leninista de concentração: 50.000 em Petrogrado; 20.000 em Moscou; na região noroeste e na frente oeste 49.000...

Os delegados ao VI Congresso eram enviados aos centros operários, ao campo, às trincheiras — 64 em Petrogrado, 55 em Moscou, 33 na bacia do Donetz, 13 em Baku, 12 nos Urais... O C.C. distribuiu seus membros pelas diversas regiões. Sverdlov exigia informações constantes e sistemáticas de todos os lugares, mesmo os mais afastados. Todo o país estava alerta, esperando apenas o sinal para o combate e sabia que este sinal viria de Petrogrado e de Moscou.

Os bolcheviques obtêm maioria na quase totalidade dos Soviets. O Partido lança a campanha pela convocação do II Congresso dos Soviets. Os Congressos regionais de Soviets em todo o país tomam resoluções bolcheviques. O II Congresso é marcado para 1.º de novembro.

Não havia uma única região que não tivesse uma tarefa especial dada pelo C.C. Todos conheciam de antemão seu posto, sua missão, seu papel na insurreição que se preparava. Os destacamentos da Guarda Vermelha cresciam e se armavam em todo o país.



No dia 24 de outubro (6 de novembro), vespresa da insurreição, V. I. Lênin chegou ao Smolny, tomando diretamente em suas mãos a direção do movimento.



O chefe da Revolução palestra com os Guardas Vermelhos no Smolny. Desenho do pintor P. Vassiliev.

A TRAIÇÃO TROTSKISTA

Kamenev e Zinoviev traíram o Partido: em entrevista ao jornal menchevique delataram os planos da insurreição. No Soviet de Petrogrado, Trotski completa a obra de seus apanigua-

dos, tagarelando sobre a data da insurreição. A contra-revolução tomava medidas para ganhar a dianteira e abortar o movimento.

A 24 de outubro (6 de novembro) Lênin de seu esconderijo envia estafetas com instruções concretas ao C.C. Eis os trechos principais da

CARTA DE LÊNIN AOS MEMBROS DO C.C.

«Camaradas: escrevo estas linhas na tarde de 24. A situação é crítica em extremo. É claro como a luz do dia que hoje tudo o que for adiar a insurreição equivale verdadeiramente à morte: Pondo nisto todas as minhas forças, quero convencer os camaradas de que hoje tudo está pendente de um fio, de que na ordem do dia figuram questões que não podem resolver-se por meio de conferências, nem de congressos (mesmo inclusive congressos dos Soviets), mas unicamente pelos povos, pelas massas, por meio da luta das massas armadas».

«Não se pode esperar! Expomo-nos a perder tudo! Tomando imediatamente o Poder se conseguirá: proteger o povo (não o Congresso, mas o povo, o exército, e os camponeses em primeiro lugar) contra o governo de Kornilov...»

«É necessário que todos os distritos, todos os regimentos, todas as forças sejam imediatamente mobilizados e que enviem sem demora delegações ao Comitê Militar revolucionário, ao C.C. do Partido Bolchevique, exigindo insistentemente: não deixar de modo algum o Poder em mãos de Kerenski & Cia. até o dia 25; de modo algum. É mister que a coisa se decida a todo transo esta tarde ou esta noite».



As forças revolucionárias tomam o Kremenlo, em 1917

de Novembro: triunfa a insurreição em Petrogrado e ateia o rastilho da re- volução em todo o país

Assado pelos traidores Trotski, Menchev e Zinoviev de que se esperava a insurreição para o dia da instalação do II Congresso dos Soviets, o governo contra-revolucionário de Kerenski tentou tomar a iniciativa. O ministério reunido a 23 de outubro (5 de novembro) resolveu dar o golpe decisivo e ocupar o Smolny. Os principais pontos de Petrogrado são ocupados pelas forças contra-revolucionárias. O Estado Maior publica uma ordem proibindo e entregando à «justiça» os membros dos comitês militares revolucionários. O couraçado «Aurora» recebe ordens do governo para que bombardeie Petrogrado. É ordenado o fechamento da imprensa bolchevique.

Na madrugada de 6 de novembro é assaltada a oficina da «Pravda» que circulava com o nome de «Rabot-Put» (O caminho operário). As 6 da manhã, o organizador do Partido no norte telefonou ao Smolny e falou com Stálin, diretor do jornal:

— Os junkers assaltaram o couraçado.

— São muitos?

— Um pequeno destacamento comandado por um oficial.

— Bem. Em seguida mandarei os blindados.

Quando os carros blindados chegaram os junkers fugiram. O jornal saiu às 11 horas da manhã com um editorial de Stálin intitulado «De que estamos?»

— «É preciso — dizia o editorial — substituir o atual governo dos burgueses e dos capitalistas por um governo de operários e camponeses».

A notícia do assalto à imprensa chegou a todos de pé. «Já começou!» — diziam todos. Os acontecimentos se passaram como um furacão. A História não se media mais por séculos nem anos, mas por horas e minutos:

7 de Novembro: (De Tarde)

Lênin envia sua carta histórica determinando que Kerenski e seus ministros sejam presos o mais tardar até o dia seguinte. O C.C. bolchevique determina ao Comitê Militar Revolucionário que dê imediatamente o sinal à insurreição. Todas as unidades revolucionárias são postas em pé de guerra. O forte de Pedro e Paulo arma a Guarda Vermelha que

monta guarda ao Smolny. Lênin chega ao Smolny.

Segundo o plano estabelecido, os destacamentos operários armados ocuparam todas as repartições estatais. A meia-noite foram ocupados o Banco do Estado, a Central Telefônica, o Correio Central, as estações ferroviárias e demais repartições públicas.

O Comitê Militar Revolucionário ordenou ao couraçado «Aurora» que permanecesse em Petrogrado e voltasse seus canhões contra o Palácio de Inverno.

O comandante recusou-se a obedecer mas a guarnição seguiu as diretivas e voltou os canhões contra o último refúgio do último governo burguês do país.

7 de novembro: 9 horas da manhã

A revolução se desenvolve de modo organizado, segundo um plano metódico. As nove horas da manhã de 7 de novembro, os regimentos revolucionários ocupam as adjacências do Palácio de Inverno. O isolamento do governo de Kerenski é tal que não surgiu uma única unidade militar que o apoiasse. Kerenski fugiu num automóvel protegido pela bandeira americana. Eis como o embaixador inglês Buchanan relatou o fato:

«Cerca das dez horas da manhã, Kerenski enviou um oficial com o encargo de buscar para ele um novo automóvel. O oficial encontrou Whitehouse, um dos secretários da embaixada dos Estados Unidos e o convenceu a emprestar seu automóvel protegido pela bandeira americana a Kerenski. Regressaram juntos ao Palácio de Inverno. Kerenski disse a Whitehouse que tentava ir a Luga para reunir-se às tropas chamadas do front; além disso pediu-lhe que transmitisse aos representantes dos aliados o pedido de que não reconhecessem o Governo bolchevique...»

7 de Novembro: 10 Horas da Manhã

O Comitê Militar Revolucionário lança um manifesto redigido por Lênin: «O Governo provisório foi derrubado. O Poder do Estado passou às mãos do Comitê Nacional Revolucionário — órgão do Soviet de deputados operários e soldados de Petrogrado — que se colocou à testa do proletariado e de guarnição de Petrogrado.

Está assegurado o êxito da causa pela qual lutou o povo: imediata proposta de uma paz democrática, abolição da grande propriedade territorial, controle operário sobre a produção, formação de um Governo Soviético.

Viva a revolução dos operários, soldados e camponeses!»

O Soviet de Petrogrado se reúne em sessão extraordinária. Lênin é recebido com uma tempestade de aplausos.



Lênin proclama o Poder Soviético, a 7 de novembro de 1917, no II Congresso dos Soviets.

«Camaradas! Realizou-se a revolução operária e camponesa — disse Lênin — cuja necessidade os bolcheviques não cessaram de proclamar... Inicia-se uma nova era na história da Rússia e esta terceira revolução russa deve finalmente conduzir-nos à vitória do socialismo».

7 de Novembro: 21 Horas

Toda a cidade já estava em mãos do proletariado. Como o Palácio de Inverno se recusasse a render-se foi ordenado o ataque. Depois que o forte Pedro e Paulo e o couraçado «Aurora» deram o sinal, os guardas vermelhos, soldados e marinheiros passaram ao assalto.

7 de Novembro: 22,45 Horas

Faltava um quarto para onze da noite quando abriu seus trabalhos o II Congresso dos Soviets. A luta no Palácio de Inverno ainda não terminara. Muitos delegados participavam do assalto. O Smolny tinha o aspecto dum quartel. Participam dos trabalhos 650 delegados dos soviets de todo o país, dos soldados, das fábricas e dos campos. 390 eram bolcheviques. No início dos trabalhos, os mencheviques, bundistas e social-revolucionários convidaram os soldados e delegados sem partido a abandonar o congresso. Ninguém os acompanhou.

8 de Novembro: 2,10 da Madrugada

As duas e dez da manhã o Palácio de Inverno foi tomado de assalto. O bando contra-revolucionário dos ministros de Kerenski foi preso.

8 de Novembro: 5 da Madrugada

O II Congresso adota a histórica decisão de passar todo o poder às mãos dos Soviets. O Congresso aprova a re-

solução redigida por Lênin que diz: «O Congresso toma o Poder, apoiado pela vontade da imensa maioria dos operários, dos soldados e dos camponeses e pela insurreição vitoriosa dos operários e da guarnição de Petrogrado. O Congresso resolve: todo o Poder passa aos Soviets de Deputados Operários, Soldados e Camponeses chamados a assegurar uma ordem verdadeiramente revolucionária».

As labaredas da revolução lavram por toda a Rússia. O extraordinário espírito de disciplina, a precisão na organização do trabalho, a rápida ajuda mútua tudo mostrava que estava sendo seguida à risca a determinação do C.C. de não dar passos arbitrários, de submeter a iniciativa própria à direção geral.

Esta concordância de todas as ações com o comando central explica o fato de que muitas cidades se levantaram no mesmo dia da vitória em Petrogrado ou no dia seguinte. Nenhuma insurreição em nenhuma outra revolução deu exemplo de tal organização e harmonia, de tal precisão e conjugação de esforços. Esta organização e disciplina foram asseguradas pelo C.C. do Partido Bolchevique sob a direção de Lênin e Stálin.

Petrogrado e Moscou não eram duas «ilhas isoladas» como diziam os trotskistas e mencheviques. Em toda parte operários e camponeses tomaram as armas. A Revolução Socialista triunfante abriu uma nova era para toda a humanidade.



Fotografia histórica: o destacamento da Guarda Vermelha insubmisso da segurança do Smolny, quartel-general da Revolução

...Do Grande Outubro

O primeiro ato do poder soviético: o decreto sobre a paz. O primeiro Governo operário e camponês do mundo decreta a abolição da diplomacia secreta. A terra para os camponeses, resolve o governo soviético no seu primeiro dia de existência

Na manhã de oito de novembro, o Congresso dos Soviets realizou a sessão histórica em que Lênin apresentou os decretos sobre a paz e sobre a terra. Até aquele momento, Lênin não tinha comparecido ao Congresso. Lênin estava inteiramente ocupado em organizar e dirigir a insurreição. Agora subia à tribuna não só como o chefe e nestre, como o conhecido às massas, mas como o comandante e organizador da vitória do proletariado. Mal o presidente dos trabalhos anunciou aquele nome, que ressoava por todos os recantos do mundo, a sala estremeceu numa ovacão unânime.

macias secretas, todas negociações seriam feitas à luz do dia, diante de todo o povo. Prometia a imediata publicação de todos os tratados secretos, declarando-os absolutos e imediatamente anulados.

O Apelo propunha um armistício imediato de três meses e terminava dirigindo-se ao proletariado da Inglaterra, França e Alemanha:

«Os operários desses países compreenderão e dever que têm hoje de libertar a humanidade dos horrores da guerra e de suas consequências. Nós ajudaremos a levar a bom porto a obra da paz e, ao mesmo tempo, a obra da libertação das massas trabalhadoras e exploradas de toda a escravidão e de toda a exploração».

No dia imediato à tomada do Poder, o rádio difundia por todo o mundo as elevadas e sábias palavras do primeiro decreto soviético, o decreto sobre a paz. No coração dos povos voltou a palpitar a esperança.

de distrito, que disporão deles até a Assembléia Constituinte».

O decreto determina que «... todo dano aos bens confiscados, que desde agora pertencem a todo o povo, se considera como um grave delito, punível pelo tribunal revolucionário».

O decreto recomendava aos Soviets assegurar a mais rigorosa ordem ao efetuar a confiscação das terras dos latifundiários e manter sob vigilância revolucionária todos os bens que iam passar às mãos do povo».

No final, o decreto estipulava que «... não se confiscam as terras dos simples camponeses e dos simples cossacos».

A Revolução proletária realizou o sonho secular dos camponeses. A terra foi tomada aos latifundiários, confiscada sem indenizações e entregue às massas camponesas, vitoriosas sob a direção do proletariado.

O Primeiro Governo Soviético

O último ponto da ordem do dia foi sobre a questão

estava reunido. Em outras cidades e regiões o Poder Soviético somente instaurou-se mais tarde.

As tentativas contra-revolucionárias começaram imediatamente. A reação empunhou as armas e contou com ampla ajuda do imperialismo para restaurar o poder da burguesia e do latifúndio numa terrível e sangrenta guerra civil que devastou a Rússia até 1920.

Mas a 7 de Novembro o povo tinha vencido. Os capitalistas foram expropriados, as empresas imperialistas foram nacionalizadas, as fábricas se tornaram propriedade de todo o povo, a terra foi entregue aos camponeses, foi liquidada pela raiz toda a exploração. Estavam lançadas as bases do Estado Socialista, que as sucessivas batalhas não fizeram mais do que reforçar.

Jamais lutaremos contra a URSS!

A intervenção armada dos imperialistas americanos, ingleses, franceses e seus asseclas — ensina a História do Partido da União Soviética — fracassou, entre outras causas, graças à solidariedade internacional do proletariado.

«Tão logo a burguesia internacional — dizia Lênin — levanta a mão contra nós, seus próprios trabalhadores lhe sujeitam o braço».

A Grande Revolução Socialista de Outubro desde o primeiro instante atraiu a simpatia e o mais caloroso apoio do proletariado mundial, de todos os explorados e oprimidos, de todas as nações espoliadas pelo imperialismo. Apoiar à URSS era e continua sendo cada vez mais parte integrante da luta pela sua libertação.

O socialismo já foi construído na URSS. Inicia-se a edificação do comunismo. A URSS tornou-se o Estado mais rico e poderoso da terra, seu povo o mais feliz, culto e desenvolvido. Os povos são gratos à URSS que libertou a humanidade da escravidão nazista, que defende vitoriosamente e inflexivelmente a causa sagrada da paz. Os inimigos da URSS são nossos inimigos mortais. Os amigos da URSS são nossos irmãos.

As massas de milhões que amam a paz e não admitem que o Brasil se torne uma colônia americana vêm na gloriosa URSS a melhor amiga de nossa pátria e de nosso povo e fazem seu o juramento de Prestes e dos comunistas: **JAMAIS FAREMOS GUERRA A UNIÃO SOVIÉTICA.**

Decreto sobre a Paz, aprovado pelo II Congresso dos Soviets em 25 de outubro (8 de novembro) de 1917, logo após a tomada do poder. O governo soviético propunha uma paz democrática aos beligerantes e concitava os trabalhadores conscientes da França, Inglaterra e Alemanha a ajudarem a "levar rapidamente a termo a causa da paz e com ela, a causa da libertação das massas trabalhadoras e exploradas da escravidão e de toda a exploração".

Fac-símile do DECRETO SOBRE A PAZ aprovado pelo II Congresso dos Soviets em 25 de outubro (8 de novembro) de 1917, logo após a tomada do poder. O governo soviético propunha uma paz democrática aos beligerantes e concitava os trabalhadores conscientes da França, Inglaterra e Alemanha a ajudarem a "levar rapidamente a termo a causa da paz e com ela, a causa da libertação das massas trabalhadoras e exploradas da escravidão e de toda a exploração".

O Decreto sobre a Paz

O decreto sobre a paz apresentado por Lênin e aprovado pelo Congresso foi redigido sob a forma de «Apelo aos povos e governos dos países beligerantes» e começou com as seguintes palavras:

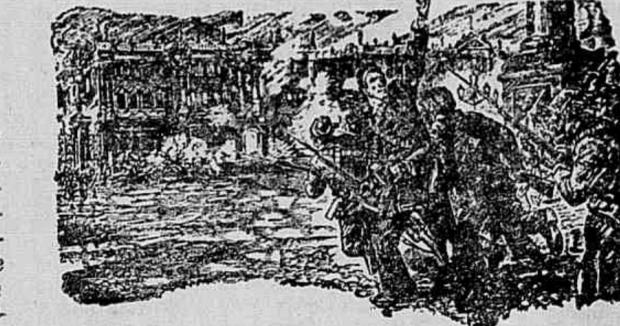
«O Governo operário e camponês, surgido da revolução de 24-25 de outubro (pelo antigo calendário. Nota da Redação) e apoiado nos Soviets de deputados operários, soldados e camponeses, convida a todos os povos beligerantes e a seus governos a entabular imediatamente negociações para conseguir uma paz justa e democrática».

O Apelo indicava que o Governo considera como uma paz justa e democrática... a paz imediata, sem anexações (isto é, sem conquistas de territórios alheios, sem incorporação de povos estrangeiros pela força) e sem indenizações».

O Apelo propunha concertar imediatamente a paz, exprimindo sua disposição de dar, sem proteção alguma, decididos passos «até a ratificação definitiva de todas as condições de uma paz semelhante pelas assembléias autorizadas dos representantes do povo de todos os países e de todas as nações».

Ao mesmo tempo, o Apelo declarava que o Governo Soviético «não considera de modo algum como um ultimatum as condições de paz antes indicadas, isto é, que está disposto a examinar quaisquer outras condições de paz, insistindo unicamente em que sejam apresentadas o mais rapidamente possível por qualquer país beligerante e que estejam redigidas com toda clareza, sem nenhuma ambiguidade e fora de todo caráter secreto».

O Poder Soviético declarava o fim da diplo-



Assalto ao Palácio de Inverno

O Decreto sobre a Terra

É anunciado o segundo ponto da ordem do dia. Lênin volta à tribuna sob uma tempestade de aplausos. Tinha chegado a vez do problema da terra.

Na sala já serenada, vibraram as palavras emocionantes do «Decreto Sobre a Terra».

Na voz firme de Lênin o Congresso ouvia, suspenso:

«1 — A grande propriedade territorial fica abolida para sempre sem nenhuma espécie de indenizações.

2 — Os domínios dos latifundiários e todas as terras da Coroa, dos conventos, da igreja, com todo o seu gado e instrumentos de trabalho, seus edifícios e todas as dependências, passam aos Comitês agrários comarcas e aos Soviets de deputados camponeses

da estrutura do Poder. O Congresso aprovou o decreto sobre a formação do Governo operário e camponês: o Conselho de Comissários do Povo. Vladimir Ilitch Lênin foi eleito presidente do Conselho de Comissários do Povo. Iossif Vissarianovitch Stálin foi eleito Comissário do Povo para as Nacionalidades.

As 5.15 da manhã de nove de novembro de 1917, o Congresso encerrou seus trabalhos em meio a jubilosas exclamações de «Viva a Revolução!», «Viva o Socialismo!» e cantando a «Internacional».

Assim nasceu o Poder Soviético, o primeiro Governo operário e camponês do mundo. Amanhecia quando os delegados do Congresso abandonavam, a Smolny. Levando volantes de agitação e pacotes de jornais recém-impressos, carregados de literatura bolchevique, encaminharam-se com passo rápido para os pontos de embarque. Cada qual tinha mais pressa em chegar ao seu destino para difundir o mais rápido possível por todo o imenso país a notícia do triunfo da revolução proletária.

O Poder não passou às mãos dos Soviets em todos os lugares ao mesmo tempo. Em Moscou, por exemplo, ainda se combatia enquanto o II Congresso dos Soviets

DECRETO SOBRE A TERRA

Fac-símile do histórico DECRETO SOBRE A TERRA tomado e aprovado na noite de 25 de outubro de 1917 pelo II Congresso dos Soviets. Nele se declarava "imediatamente abolida, sem nenhum gênero de indenização, a propriedade dos latifundiários sobre a terra". Com este decreto, a Revolução Socialista de Outubro entregava aos camponeses mais de 150 milhões de hectares de terras, que até então estavam nas mãos dos latifundiários, da burguesia, da família real, dos conventos e da Igreja.

1) Posse privada da propriedade da terra é abolida imediatamente sem indenização. 2) Posse privada da terra, assim como a posse privada dos meios de produção, é abolida imediatamente sem indenização. 3) A terra é dada aos camponeses sem qualquer pagamento. 4) A terra é dada aos camponeses sem qualquer pagamento. 5) A terra é dada aos camponeses sem qualquer pagamento.

O ZEMLE

«A terra é dada aos camponeses sem qualquer pagamento. A terra é dada aos camponeses sem qualquer pagamento. A terra é dada aos camponeses sem qualquer pagamento.»

Fac-símile do histórico DECRETO SOBRE A TERRA tomado e aprovado na noite de 25 de outubro de 1917 pelo II Congresso dos Soviets. Nele se declarava "imediatamente abolida, sem nenhum gênero de indenização, a propriedade dos latifundiários sobre a terra". Com este decreto, a Revolução Socialista de Outubro entregava aos camponeses mais de 150 milhões de hectares de terras, que até então estavam nas mãos dos latifundiários, da burguesia, da família real, dos conventos e da Igreja.



Lenin no Smolny nos dias da grande Revolução proletária (Quadro de N. Sokólov)

No País em Que o Sonho Se Fêz Realidade

Naquele dia Angélica acordou mais tarde. Sem marido, maquinista da Central do Brasil, completara tarde da noite seu turno de trabalho, conduzindo de S. Paulo um trem de carga. Só chegou em casa por volta das 2 da manhã.

Já eram quase 8 horas e Angélica ainda não tinha saído para as compras. Na véspera, atarefada, esquecer-se de comprar o jornal da tarde. Como já estava atrasada, também não ouviu, como era seu hábito, as últimas notícias do rádio-jornal. Queria fazer as compras e voltar antes que levantasse Angelina e Pedro, seus dois filhos.

Estava quase na hora. Como era quinta-feira eles acordavam mais tarde, porque não tinham de ir à escola. Era preciso andar depressa. A geléia e o queijo já estavam no fim. Os quatro ovos que restavam não eram suficientes: cada membro da família costumava tomar dois ovos quentes pela manhã. E os meninos não tardariam a acordar.

Ainda de longe, ao descer a rua, notou um movimento incomum no largo da Igreja. Pequenos grupos conversavam animadamente, as pessoas iam de um a outro grupo, as lojas estavam repletas, num vaivém contínuo. Operários e operárias passavam carregados de compras. Afinal, que haveria? Por que um movimento tão mais intenso que o habitual? Nem entendeu a alegria transbordante com que Alice a cumprimentou quando saía do mercado, correndo para casa e quase afogada numa pilha de embrulhos.

Quando entrou no Mercado Municipal é que finalmente deu-se conta de tudo. Como podia ser tão tonta? Como teria esquecido que era 5 de Novembro? Mas não havia dúvida. Bem na entrada, para que todos vissem sem falta, pendia um grande cartaz com os novos preços. Como todos os anos, baixavam novamente os preços das mercadorias de amplo consumo. Lá estavam as indicações: pão a Cr\$ 1,20 o quilo, café a 5,90, carne a 2,60, açúcar a 2,20, e assim por diante.

Aquele borborinho todo era causado pelo decreto governamental, rebaixando no

vamente os preços das mercadorias, e publicado na véspera, à tarde. Pela manhã a população do bairro, como também estava ocorrendo no resto da cidade e no país inteiro, acorrera em massa às lojas para comprar pelos novos preços. A economia realizada era imensa. Angélica lembrava-se dos preços seis anos antes, quando fora feita a primeira rebaixa: café a 9,60, pão a 2,70, leite a 3,00, etc.. Seis anos antes, ela teria gasto Cr\$ 50,00 nas mesmas compras que ia fazer agora com apenas Cr\$ 25,00.

NO PAÍS EM QUE O SONHO SE FEZ REALIDADE

A essa altura o leitor pode estar impaciente. Terão ficado loucos os redatores da VOZ? Andarão tão no mundo da lua para não saber que o pão custa Cr\$ 8,00 o quilo, o café 36,00, a carne 28,00? De onde tiraram esses preços de 1,20 para o pão, de 5,90 para o café, de 2,60 para a carne?

Não, querido leitor, não ficamos loucos. A história de Angélica não é real, nunca sucedeu no Brasil. É um sonho, e sonho irrealizável enquanto nosso povo estiver submetido a um governo de exploradores do povo, de latifundiários e grandes capitalistas agentes do imperialismo, de gente que se gorda beneficiando-se da carestia e da miséria do povo, como é o caso desse governo de Vargas que aí temos.

Aquela história fantástica é apenas a figuração do que

aconteceria no Brasil se os preços baixassem como baixaram na grande União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Porque há um país onde isto realmente acontece — o País de Lenin e Stálin, a Pátria do Socialismo, a grande União Soviética.

6 ANOS, SEIS REBAIXAS DE PREÇO

De fato, na União Soviética, apesar de a economia do país ter sido terrivelmente devastada pela guerra, os preços foram rebaixados pela primeira vez já em 1947. E, daquela época até hoje, já foram rebaixados novamente mais cinco vezes. De 1947 a 1953 os preços de muitos artigos essenciais chegaram a ser reduzidos em quase metade do que custavam em 1947. Alguns exemplos: o preço do pão foi reduzido de 42%, o da manteiga em 40,9% o da carne, em 38,6%, o do peixe em 51%, o das massas alimentícias em 43,5%, o dos tecidos em 65%, o da lousa em 43,5%, o das bicicletas em 41,4%, o das panelas e objetos de uso doméstico em 58,3% o dos relógios em 40%. Além disso, os salários são sistematicamente aumentados e o Governo Soviético toma inúmeras outras medidas visando o bem-estar do povo: construção de escolas, hospitais, colônias de férias, casas de repouso, reforçando os benefícios fornecidos aos trabalhadores em matéria de assistência e seguro social, e de inúmeras outras formas.

E, se tudo isso acontece, é porque os exploradores do povo foram depostos. Colocando no Poder, no governo, os trabalhadores, a Revolução de Outubro lançou as bases de um regime novo, o regi-

me socialista. Ao contrário do que acontece nos países capitalistas e nos países dependentes, como o Brasil, a lei suprema do Governo Soviético, dirigido pelo Partido Comunista, é a elevação constante do bem-estar material e cultural das massas.

Que contraste com os países capitalistas onde os preços sobem constantemente e o nível de vida das massas é cada vez mais baixo! Enquanto na U.R.S.S., o nível geral dos preços, de 1947 a 1953, baixou de 50%, na Inglaterra, por exemplo, o preço do pão aumentou de 100% e o da manteiga de 150%. No Brasil o aumento foi maior ainda: 321% para o café 316% para a carne, 370% para o arroz, 231% para a banana.

PARA QUE NO BRASIL OS PREÇOS BAIXEM COMO NA U. R. S. S.

A política de baixa sistemática dos preços, de elevação constante do nível de vida do povo é seguida sem desfalecimentos pelo Governo Soviético.

Nos últimos 27 anos tem aumentado constantemente, na média de 10,3% por ano, a quantidade de mercadorias consumidas por pessoa na União Soviética. Ultimamente esse ritmo de aumento se acentua. Basta ver que em 1953 a quantidade de carne e seus derivados, da mesma forma que a quantidade de manteiga vendida à população, foi, na U.R.S.S. quase o dobro da quantidade vendida em 1952.

No entanto, apesar desses aumentos sem comparação em qualquer outro país, o Partido Comunista da União Soviética e o Governo Soviético estão longe de considerar satisfatória a situação. Tal é o zelo com que cuidam dos interesses do povo. Tal é o esforço feito para chegar o mais depressa possível à etapa comunista de desenvolvimento.

Daí as recentes resoluções tomadas na U.R.S.S. sobre o desenvolvimento do comércio soviético, publicadas a 23 de outubro, e sobre a ampliação da produção de artigos industriais de amplo consumo, publicadas a 28 de outubro. Essas medidas vêm completar as já tomadas em setembro e que diziam respeito ao desenvolvimento da agricultura.

A aplicação do conjunto dessas medidas assegurará no curto prazo de dois ou três anos a abundância de produtos de amplo consumo para toda a população. Trata-se de algo com que nem podem sonhar as massas brasileiras, enquanto entre nós prevalecer o latifúndio e a dominação imperialista, ferozmente defendidas pelo governo de Getúlio.

Até 1955 a produção de produtos alimentícios aumentará de 84,7%; a produção de artigos industriais de amplo consumo aumentará de 50%.



Felizes e satisfeitos vivem as famílias dos operários soviéticos. As mesas são sempre fartas; os trabalhadores comem do bom e do melhor. O governo da URSS constituído de legítimos representantes dos trabalhadores e do povo tudo faz para melhorar o bem-estar da população, com as sucessivas rebaixas de preços.

Enquanto isso, no Brasil, o governo americano de Vargas com toda a sua política — reforçada ainda mais pelo chamado «esquema Aranha» — toma medidas para sufocar a produção de gêneros em benefício dos produtos de exportação, ao mesmo tempo que se dispõe a liquidar a indústria nacional em benefício dos produtos de importação estrangeira...

Mas a U.R.S.S. é um país

AUMENTO DO PODER AQUISITIVO DO RUBLO, 1947 A 1953

PRODUTOS ALIMENTARES	PRODUTOS MANUFATURADOS										
<table border="1"> <tr> <td>1 PÃO</td> <td>2,85</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>1947</td> <td>1953</td> </tr> </table>	1 PÃO	2,85			1947	1953	<table border="1"> <tr> <td></td> <td>1947</td> </tr> <tr> <td></td> <td>1953</td> </tr> </table>		1947		1953
1 PÃO	2,85										
1947	1953										
	1947										
	1953										
<table border="1"> <tr> <td>1 CARNE</td> <td>2,8</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>1947</td> <td>1953</td> </tr> </table>	1 CARNE	2,8			1947	1953	<table border="1"> <tr> <td></td> <td>1947</td> </tr> <tr> <td></td> <td>1953</td> </tr> </table>		1947		1953
1 CARNE	2,8										
1947	1953										
	1947										
	1953										
<table border="1"> <tr> <td>1 MANTEIGA</td> <td>3,0</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>1947</td> <td>1953</td> </tr> </table>	1 MANTEIGA	3,0			1947	1953	<table border="1"> <tr> <td></td> <td>1947</td> </tr> <tr> <td></td> <td>1953</td> </tr> </table>		1947		1953
1 MANTEIGA	3,0										
1947	1953										
	1947										
	1953										
<table border="1"> <tr> <td>1 LEITE</td> <td>1,39</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>1947</td> <td>1953</td> </tr> </table>	1 LEITE	1,39			1947	1953	<table border="1"> <tr> <td></td> <td>1947</td> </tr> <tr> <td></td> <td>1953</td> </tr> </table>		1947		1953
1 LEITE	1,39										
1947	1953										
	1947										
	1953										
<table border="1"> <tr> <td>1 AÇUCAR</td> <td>2,27</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>1947</td> <td>1953</td> </tr> </table>	1 AÇUCAR	2,27			1947	1953	<table border="1"> <tr> <td></td> <td>1947</td> </tr> <tr> <td></td> <td>1953</td> </tr> </table>		1947		1953
1 AÇUCAR	2,27										
1947	1953										
	1947										
	1953										

OS QUADRINHOS RELATIVOS A CADA MERCADORIA REPRESENTAM A QUANTIDADE DO PRODUTO QUE, COM O MESMO DINHEIRO, É ADQUIRIDA EM 1953 EM RELAÇÃO A 1947



Assim passam as famílias dos trabalhadores brasileiros. Mesa pobre, sem o necessário para o seu sustento, essa situação de miséria é imposta pelo governo de Getúlio que atribua a carestia e congela os salários em benefício dos grandes tabuleiros que o sustentam.

Getúlio Cria Novo Imposto, Para Multiplicar os Lucros da Light

O TIRANO DO CATETE QUER TRANSFORMAR EM LEI A MAIOR NEGOCIATA JÁ FEITA NO BRASIL EM FAVOR DOS TRUSTES IMPERIALISTAS — 59 BILHÕES DE CRUZEIROS, A FABULOSA SOMA QUE GETÚLIO PRETENDE ARRANCAR DO POVO COM O IMPOSTO ÚNICO DE ELETRICIDADE — O GOVERNO DE VARGAS ARRASTA O PAÍS A COMPLETA COLONIZAÇÃO — ENCAMPAÇÃO DA LIGHT E DA BOND & SHARE, ÚNICA SAÍDA

CORRE pelo Parlamento o projeto do Fundo Nacional de Eletrificação que institui novo e monstruoso imposto para sugar a economia nacional em benefício dos trustes elétricos Light e Bond & Share. Mais dois projetos derivados desse já foram enviados por Vargas ao Parlamento e há uma grande pressa do governo e dos trustes para a aprovação de todos eles com o argumento da crise de energia elétrica, criada artificialmente pelas empresas concessionárias para obter lucros máximos e beneficiar-se com os bons serviços que lhes prestam Vargas e sua camarilha.

NOVA EXTORSÃO

Como será constituído esse Fundo Nacional de Eletrificação e quais seus objetivos?

Diz o artigo primeiro do projeto de Vargas: «**FICA CONSTITUÍDO O FUNDO NACIONAL DE ELETRIFICAÇÃO, DESTINADO A PROVER E FINANCIAR INSTALAÇÕES DE PRODUÇÃO, TRANSMISSÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA, ASSIM COMO O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA DE MATERIAL ELÉTRICO.**»

Um imposto único será criado especialmente para prover e financiar as obras de eletrificação, o que significa que o governo tanto poderá construir ele próprio as instalações como, se convier aos trustes, emprestar-lhes fabulosas somas. Dutra afixou 90 milhões de dólares dados à Light em empréstimo, dinheiro esse cuja aplicação jamais foi fiscalizada pelo governo. Getúlio resolveu ir mais longe: quer dar dinheiro diretamente ao truste. O governo dedicará ainda, do orçamento federal, vultosas verbas para o tal Fundo de Eletrificação que será constituído ainda pe-

los rendimentos do próprio Fundo e por capitais particulares. Eis aí o caminho da fusão dos capitais estatais com os capitais dos monopólios estrangeiros que passarão inevitavelmente a controlar todo o negócio».

Os recursos globais pretendidos pelo governo serão de 29 bilhões de cruzeiros em cinco anos e 59 bilhões em dez anos. Nos primeiros cinco anos, 40% do fundo serão proporcionados através do imposto único e o restante será coberto mediante capitais particulares. O im-

posto será de 20 centavos por quilowatt consumido pelos estabelecimentos comerciais e residenciais e de 10 centavos por quilowatt fornecido aos demais consumidores, como a indústria e outros.

O POVO FINANCIANDO SEUS PARASITAS

Mas, afinal de contas, que acontecerá aos trustes elétricos Light e Bond & Share? Que modificação se processará?



Ao lado de seus patrões imperialistas, Getúlio sorri, enquanto o povo sofre as consequências desastrosas do racionamento. O "bôse" Nicholson, um dos maiores da Light, representante no Brasil de Henri Borden, aparece no primeiro plano ao lado do tirano. É ele um dos inspiradores do infame projeto do Fundo Nacional de Eletrificação

A situação ficará muito pior que antes. Em primeiro lugar, o governo não toca nos trustes. Ao contrário, com essa miserável manobra, transforma o povo brasileiro em financiador dos seus próprios parasitas imperialistas. Isto porque, os trustes receberão a preços irrisórios impostos por eles a energia produzida pelas obras hidrelétricas do governo e a revenderá a preços de monopólio iguais ou superiores aos que vigoram atualmente. É mais ou menos o que se dará com a energia produzida pela Hidrelétrica São Francisco que será levada pelo governo até as redes de distribuição da Bond & Share de Salvador, Recife e Maceió. E para esta empreitada, a Bond & Share adotou outro nome para ludibriar a opinião pública, figurando como «American Foreign Power Co.».

A fabulosa quantia de 59 bilhões de cruzeiros arrancada à economia popular através desse imposto monstruoso,

que será cobrado do consumidor, repercutindo inevitavelmente num brutal encarecimento do custo da vida.

Como se tudo isto não bastasse para encher de revolta a todos os patriotas, esse imposto infame será cobrado diretamente pelos próprios trustes, adicionado às tarifas, segundo claramente o artigo 4º do projeto de encravização.

LUCROS MÁXIMOS

Impõe preços de monopólio e obtendo sucessivos aumentos de tarifas; fazendo render ao máximo as velhas instalações e vendendo energia «aguarda» de má qualidade; impôs o racionamento e desviando energia da indústria para o consumo comercial e domiciliar para o qual a tarifa é mais elevada; eis alguns dos expedientes que a Light e a Bond & Share têm utilizado até aqui para a obtenção de lucro máximo, que é o objetivo do capital monopolista.

E os números demonstram esse fato, pois, apesar de todo o racionamento e das «dificuldades» alegadas pela Light, por exemplo, seus lucros se elevam verticalmente, de ano para ano, na seguinte proporção: 1950, lucro confessado de 635 milhões de cruzeiros; 1951, de 695 milhões; e em 1952, lucro de 780 milhões.

UMA GRANDE CHANTAGEM

O Fundo Nacional de Eletrificação significa um terrível «aperfeiçoamento» dos métodos de extorsão empregados pelos trustes elétricos no Brasil. A trama vinha sendo urdida por Vargas e sua camarilha de latifundiários e grandes capitalistas.

Faz alguns meses, mister Henri Borden, presidente da Brazilian Traction, anunciava um curioso «plano de nacionalização» da Light, apresentando-o como algo de muito bom para o Brasil. Acreditar nisto equivaleria ao absurdo de ter-se a ilusão de que a Light iria decretar castigos contra si mesma... Mas a propaganda martelava no tema do «deficit de energia» e um belo dia surgiu a mais cinica das declarações já feitas pelo chefe do truste. Borden declarava, nada mais nada menos, que a Light não dispõe de recursos para levar a cabo um plano mínimo de instalação imprescindível ao desempenho de suas obrigações contratuais de fornecimento de energia elétrica a região economicamente fundamental do nosso país. A «nacionalização» objetiva, portanto, de um lado, arrancar mais dinheiro dos incautos e, de outro, dificultar qualquer ação contra o truste

ENCAMPAÇÃO, ÚNICA SAÍDA

Se não estivéssemos em face de um governo de tração nacional de lacaios do imperialismo com Vargas à frente, bastaria declaração como essa do imperialista Borden, para que se decretasse a encampação da empresa, por incapacidade financeira e falta de cumprimento dos contratos. Mas o que se dá é o contrário: o dinheiro que Vargas pretende extorquir do nosso povo ao invés de contribuir para a libertação do nosso país, significará maior submissão aos trustes imperialistas.

Mas o Fundo Nacional de Eletrificação, este infame plano de escravização de nosso povo aos imperialistas ianques e de liquidação da soberania nacional, ainda não foi concretizado. Ele pode ser barrado. O povo pode e deve derrotar o governo Vargas nos seus intentos entreguistas, se um poderoso movimento de opinião se ergue em todo o país contra esse projeto miserável. As forças progressistas nacionais, com o proletariado à frente são muito mais poderosas que a minoria de traidores representado por Vargas e a camarilha governamental.



O ministro da Agricultura de Vargas, cumpri menta efusivamente o presidente da Light, Henri Borden, que aparece à direita. O novo Ministério de Vargas, enriquecido com demagogos do tipo de José Américo, constitui o símbolo da mais abjeta submissão do tirano do Catete aos cressores imperialistas.

O Esquema Aranha Aumenta a Carestia

ELEVAÇÃO DOS PREÇOS, IMPOSTO INDIRETO, PROTEÇÃO DO LATIFÚNDIO, ASFIXIA DA INDÚSTRIA, COLONIZAÇÃO, EIS O QUE É O NOVO PLANO DO GOVERNO

O «ESQUEMA ARANHA» de operações cambiais já está causando nova elevação de preços.

Não podia ser de outra maneira, quando o dólar passou de Cr\$ 18,00 e Cr\$ 37,00, respectivamente no câmbio oficial e no livre, em princípios de outubro, para Cr\$ 45,00 e mais cruzeiros, atingindo até Cr\$ 125,00.

Deu-se assim violenta desvalorização do cruzeiro, maior ainda que a ocorrida em julho, com a instituição do câmbio livre. Aliás não se fez mistério disso, que foi imediatamente proclamado pelo «Journal of Commerce» de Nova Iorque. Não é preciso, porém, buscar tão longe testemunhos, quando o próprio sr. Marcos de Sousa Dantas, em declarações categóricas («Correio da Manhã» de 14-10-53) explica: — «Não duvidamos de que a medida represente um reajustamento da taxa cambial do cruzeiro, mas esse reajustamento se impõe».

Discriminação em Categorias

Por outro lado, o critério de categorias estabelecido põe em prática uma política de detrimento da indústria nacional, em benefício dos importadores de produtos manufaturados e de outros de menor importância. Basta ver os seguintes exemplos: enquanto as «bexigas suínas para aparelhos de anestesia», o leite seco em pó integral e as «tripas artificiais de calibre fino» estão incluídos na primeira categoria e o bacalhau e a «farinha de peixes» estão classificados na segunda, os «motores a vapor, inclusive tratores a vapor, locomóveis e turbinas a vapor», assim como motores de combustão interna, Diesel, semi-Diesel, e grande quantidade de máquinas-ferramenta diversas foram incluídas na terceira categoria. Como se sabe, o preço do dólar sobe da primeira à quinta categoria, em virtude de serem maiores as disponibilidades das primeiras que das últimas. Não pára aí, porém, a barreira oposta pelo Governo ao desenvolvimento industrial. Na categoria quatro vamos encontrar, por exemplo, a refinação de açúcar e para a indústria de óleos vegetais. Sem contar que na quinta categoria, aquela onde os preços alcançam os mais altos níveis, estão tacitamente incluídas matérias primas e máquinas industriais da maior importância que não foram mencionadas em nenhuma outra, embora os arautos governamentais procurem fazer crer que na última categoria estão apenas incluídos os objetos de luxo, como os perfumes e os «Caddilacs».

Está claro que tendo de pagar tão altos preços pelos produtos essenciais de que necessita para desenvolver-se, a indústria nacional terá de elevar ainda mais os preços de venda de seus produtos no mercado interno, o que significa que vai aumentar a carestia.

Quem Paga é o Povo

O plano de Aranha acarreta, também, pesados impostos para toda a população. O produto da venda dos dólares fica em mãos do Banco do Brasil, que, com a imensa

disponibilidade de 18 bilhões de cruzeiros assim obtidos vai financiar o latifúndio. Com efeito, para cada dólar o cafeicultor receberá Cr\$ 5,00, isto é, cinco bilhões e duzentos e cinquenta milhões a mais do que estava recebendo. No caso do algodão a bonificação é de Cr\$ 10,00 por dólar, e segundo o presidente do Banco do Brasil, a soma das bonificações para os dois produtos somarão Cr\$ 7.750.000.000,00! Quem paga? O povo!

Nos leilões obtém-se uma diferença para mais no dólar que chega a ultrapassar Cr\$ 100,00. Esse ágio significa, na realidade um pesado imposto indireto de importação, a ser pago pelas grandes massas, inclusive as camponesas, às mãos das quais não chegaram os bilhões de cruzeiros distribuídos nominalmente à lavoura mas que, na verdade, são doados aos grandes fazendeiros e exportadores.

Proteção ao Latifúndio

O plano Getúlio-Aranha é um típico plano de proteção às forças mais retrógradas do país, que são os grandes exportadores e os latifundiários, ligados ao imperialismo.

A política já oficialmente proclamada pelo Ministro da Fazenda, na Câmara Federal, é a de restrição do desenvolvimento industrial do país, a política de sua colonização intensa nos moldes exigidos pelos norte-americanos.

Prejudicando todo o povo com a alta inaudita dos preços dos produtos, asfixiando a indústria nacional, amparando o latifúndio e os gran-

des açucareiros das exportações os vende-pátria do regime aguçam ainda mais as contradições inconciliáveis entre a miséria esmagadora do povo brasileiro e os grandes senhores de terra e os altí-capitalistas que exercem o poder de parceria com os exploradores norte-americanos.

Procurando iludir as massas, os porta-vozes do Governo argumentam com a inevitabilidade de «medidas radicais» como as que foram tomadas.

É possível bater a Camarilha dominante

Essa política não é, porém, inevitável. Mas o que ela demonstra, mais uma vez, é que nada, absolutamente nada se pode esperar da camarilha dominante que saqueia nossa pátria de parceria com os imperialistas norte-americanos.

Os comunistas sempre denunciaram à nação o caminho tenebroso trilhado pelos negociatas que estão à frente do Estado. Hoje, mais do que nunca, a via dos dominadores se apresenta como contrária aos interesses de todo o povo, desde o proletariado até a burguesia nacional não comprometida com os grandes capitalistas estrangeiros. Na defesa da indústria nacional convergem os interesses não somente do proletariado e da burguesia como os do povo para o qual a liquidação de nossa indústria significará o retorno a mais degradante servidão colonial.

O governo que temos aí, comprovando os fatos, não é apenas um governo anti-operário. É um governo de submissão ao estrangeiro, um governo anti-nacional.

Assim é cada vez mais premente a necessidade de unir e organizar em torno da classe operária, numa ampla frente, a esmagadora maioria do país, duramente prejudicada por essa política de submissão ao estrangeiro. Essa a política indicada pelo Partido Comunista do Brasil que propõe a união de todos os patriotas para salvar nossa pátria, posta diante de uma encruzilhada histórica.

Com essa unidade, não apenas o esquema Aranha mas toda a política dos vende-pátria será rapidamente desbaratada.



Aos soviéticos devem-se muitas das mais importantes descobertas científicas da «segunda conquista» do Polo. O quebra-gelo «Sedov», ficou prisioneiro dos gelos polares durante 812 dias e chegou ao ponto mais próximo do Polo até então atingido por um navio.

A Segunda Conquista Do Polo Norte

A UNIÃO SOVIÉTICA PROPÕS AOS ESTADOS UNIDOS A CRIAÇÃO DE UMA ROTA AÉREA TRANSPOLAR DE AMIZADE — OS AMERICANOS GUARDAM O POLO COMO ROTA ESTRATÉGICA

PROSSEGUE a conquista do Polo Norte. Hoje sucedem-se conquistas de outro tipo àquelas feitas por numerosos cientistas e exploradores de todas as nações.

Em 1937 os aviadores soviéticos Chkalov e Gromov efetuaram dois vôos transárticos. Esta foi a última descoberta geográfica de importância histórica. Os aviadores soviéticos transportaram à cúspide do mundo quatro exploradores guiados por Papanin, os quais passaram todo o inverno sobre as banquisas de gelo e fizeram descobertas para a «colonização científica» do Polo. Verificaram a existência de vida no Polo, descobriram que a profundidade do oceano é de 4.290 metros, demonstraram que ali ocorrem fortes ciclones que provocam profundas oscilações na temperatura.

Papanin operou na parte central do Oceano Glacial Ártico. Os cientistas do quebra-gelo soviético «Sedov» navegaram para a zona oposta, partindo do arquipélago da Nova Sibéria. O «Sedov» constatou a existência do segundo polo magnético que ficou com o nome de «Polo Sedov», descobriu novas formas de seres vivos chegou à latitude de 86° 40', o ponto mais próximo do Polo já atingido por um navio — apenas 400 kms.

Em 1941, finalmente, exploradores soviéticos chegaram ao assim considerado «polo inacessível». O aviador Cerevichny levou sete cientistas equipados com completo instrumental que estabeleceram a velocidade e direção dos ventos, estudaram o plancton, analisaram a água, etc. O inacessível tinha se tornado acessível.

O MAPA DO MUNDO FICOU DIFERENTE

Estamos acostumados a observar a figura do globo terrestre tomando como ponto de partida o equador. Assim, vemos os polos nas extremidades, longe dos países habitados. Mas é possível representar os hemisférios terrestres também em relação à parte dos polos. Neste caso veremos a Bacia Polar como a zona mediana do hemisfério setentrional.

Em torno do Polo veremos os países mais evoluídos e populosos e ao centro a «mancha branca», inexplora-

da, ignota e deserta do Ártico Central. Hoje essa «mancha branca» não existe mais. A União Soviética aproximou o Oriente do Ocidente, a URSS e os Estados Unidos por meio duma curtíssima viagem aérea.

PROPOSTA SOVIÉTICA: LINHA AÉREA DA AMIZADE

A União Soviética propôs aos Estados Unidos a instalação duma «linha de navegação aérea da amizade» que, atravessando o polo, deveria ligar Moscou a Washington e, assim, criar e desenvolver entre os dois povos relações constantes de convivência, comerciais e culturais, em nome da civilização e da paz. A União Soviética propôs que a conquista do Polo, devida a cientistas de todo o mundo, fosse mantida para sempre como uma conquista da paz.

OS AMERICANOS ARMAAM O POLO

Os americanos responderam armando o Polo, mostrando o desejo de transformá-lo em zona de operações militares, como já fizeram em tantos outros lugares. Lá realizaram as misteriosas manobras chamadas «operações Nanouk». O que chamam de «Blue Jay» é na realidade a aldeia de Thule, habitada por uns 200 esquimós antes da chegada dos americanos. Thule fica na Groenlandia e foi transformada em colossal base aérea militar destinada a ser a maior do mundo, com 20.000 hectares, capaz de receber bombardeiros B 36 e B 52 de longo raio de ação. Uma torre de rádio de 400 metros domina o terreno coberto de enormes depósitos de gasolina e hangares gigantescos. A base de Thule comunica diretamente com o Pentágono.

Thule foi transformada em cidade americana. 7.000 operários americanos trabalham em todas as estações, 1.500 técnicos entregam-se a atividades estratégico-militares, 500 caminhões despejaram 260.000 toneladas de materiais diversos.

000

De acordo com a proposta soviética, o Polo pode e deve reduzir as distâncias entre os continentes e os povos. Se a base de Thule fosse utilizada para fins pacíficos, a rota Moscou-N. York seria encurtada de 1.000 kms. em relação à rota atual via Paris, a rota Londres-Tóquio seria encurtada de 2.300 quilômetros.

LEIA

Problemas

REVISTA MENSAL DE CULTURA POLÍTICA

Director: DIÓGENES ARRUDA

N. 51

Apesar de, trabalhadores do campo que vivem na mais negra miséria, como tantos outros milhões de camponeses em todo o Brasil. A essas trabalhadores são impostos contratos de trabalho onerosos, ao lado de miseráveis salários que por mês, não chegam a 1.000 cruzeiros pelo serviço de toda a família. Há ainda exigências como trabalho gratuito durante certo número de dias, pagamento em espécie, restrições ao direito de locomoção, de plantio, sem direito a qualquer assistência. Dos colônos de café é exigido que trabalhem na lavoura seus filhos menores, até de 5 anos de idade.



Milhões de Camponeses Exigem A Terra Para Trabalhar

AS VIGOROSAS LUTAS DOS CAMPONESES POR SUAS REIVINDICAÇÕES ECOARAM NA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS — UNIDOS AOS TRABALHADORES DAS FÁBRICAS E DAS USINAS EM QUEM RECONHECEM SEUS VERDADEIROS ALIADOS OS CAMPONESES MARCHAM PARA GRANDES VITÓRIAS

Sem nenhuma terra, ou dispondo de pouca terra, os camponeses são obrigados a trabalhar para os latifundiários em condições de completa servidão. Meeiros e parceiros, assalariados agrícolas e colônos de café, empreiteiros e arrendatários, todos, todos vivem submetidos à terrível opressão, na mais negra miséria, sujeitos a duros contratos que lhes impõem salários de fome, proibição de plantio ou de criação de animais domésticos para a manutenção da família e, até o cerceamento do direito de locomoção nas terras onde vivem.

A terra a quem a Trabalha

Cerca de 10 milhões de trabalhadores ativos do campo, não dispõem de terra para plantar, enquanto 75 por cento da área total das propriedades agro-pecuárias em nosso país são dominadas por apenas 149 mil grandes latifundiários. Trustes estrangeiros são também grandes proprietários de terras, dentre os quais os frigoríficos Armour, Wilson, Swift e Anglo que só no Estado de São Paulo possuem 200 mil hectares de terras.

Daí porque os camponeses reivindicam a posse da terra em todas as oportunidades que se lhes oferecem. Nas «Concentrações», nas Conferências camponesas, nas reuniões, os trabalhadores do campo reclamam terras para cultivar, exigem a posse da terra. Contra a atividade violenta dos grandes fazendeiros e do governo de Getúlio que os serve, os camponeses resistem e lutam. Os camponeses de Porecatu, defenderam valentemente suas terras, de armas nas mãos, dando um exemplo aos seus irmãos de todo o Brasil.

145 Delegados camponeses reúnem-se em Conferência Nacional

Essas lutas vigorosas dos camponeses por suas reivindicações, se refletem no maior acontecimento nacional dos camponeses — a Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas. 145 delegados de vários Estados reuniram-se em São Paulo para discutir todos os problemas que dizem respeito aos camponeses, às suas condições de vida e como melhorá-las.

A Conferência Nacional foi precedida de dezenas de Conferências e Assembléias em todo o país. Tal foi a disposição dos camponeses em levantar suas reivindicações que na Conferência de colônos e camaradas de fazendas de café de Valparaíso e municípios vizinhos, no Estado de São Paulo, compareceram 1.500 trabalhadores. Muitos dos participantes andaram quilômetros e quilômetros a pé. Se não fosse a sabotagem dos fazendeiros que negaram transportes, caminhões, mais de 8 mil pessoas teriam participado. Mesmo assim, o êxito foi grande e esse conclave elegeu os delegados à Conferência Nacional.

Outras Conferências regionais também tiveram êxito. Muitas delas criaram organizações de camponeses para lutarem contra a exploração e opressão, por condições de vida mais humanas, como ocorreu com a Conferência de Guararapes da qual participaram 300 trabalhadores (arrendatários, meeiros, colônos, camaradas e pequenos proprietários) e fundaram a Associação de Camponeses de Guararapes.

Além de uma camponesa cortada mal uma cana ou casualmente erra na contagem de um feixe. O capataz cai-lhe em cima como um raio e lhe impõe uma pesada multa de dois ou três feixes e muitas vezes até de meio carro de cana, roubando-lhe assim, quase todo o seu salário. A indignação é geral. Os protestos se avolumam e os assalariados agrícolas, orientados pelos seus irmãos operários da usina ingressam em massa no Sindicato. Foi unido-se e lutando no sindicato que os camponeses de Rafard impulsionaram a cam-

Salário de fome: 9 cruzeiros por dia

Não é por acaso que os camponeses lutam com tanto vigor, buscam organizar-se. Eles são terrivelmente explorados. Muita gente não sabe qual a vida dos assalariados agrícolas, por exemplo, nas fazendas de norte a sul do país. São 3 milhões de homens e mulheres que se agarram ao cabo da enxada de sol a sol para receber um salário de fome que oscila entre 9 e 30 cruzeiros. Nas plantações de cana de Pernambuco, 140 mil assalariados percebem em média 9 cruzeiros por dia.

Como pode alguém viver com um salário desses, hoje que a farinha de mandioca, o alimento que ainda podem pensar em comer, está custando 7 cruzeiros. Quanto ao arroz, a carne, o camponês não tem notícia. Sobre isso, dizia uma camponesa que participou recentemente da Assembléia Nacional de mulheres: «Nós não comemos carne de vaca. Antigamente comíamos tatu. Hoje até esse bicho está faltando.»

Drama semelhante sofrem os assalariados de Campos no Estado de São Paulo. Nesse Estado, no município de Vila Rafard, as plantações de cana da Cia. estrangeira «Société de Sucreries Bressiliennes» ocupam 5 mil pessoas entre homens e mulheres. Os salários são de 500 a 600 cruzeiros além do que os patrões estabelecem um terrível regime de perseguições e punições no trabalho.

Além de uma camponesa cortada mal uma cana ou casualmente erra na contagem de um feixe. O capataz cai-lhe em cima como um raio e lhe impõe uma pesada multa de dois ou três feixes e muitas vezes até de meio carro de cana, roubando-lhe assim, quase todo o seu salário.

A indignação é geral. Os protestos se avolumam e os assalariados agrícolas, orientados pelos seus irmãos operários da usina ingressam em massa no Sindicato. Foi unido-se e lutando no sindicato que os camponeses de Rafard impulsionaram a cam-

panha por aumento de salários da qual saíram vitoriosos. O operário Francisco Escrivano, presidente do sindicato que se destacou nas lutas foi indicado pelos assalariados agrícolas como seu representante na Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas que se realizou em São Paulo e à Conferência Internacional dos Trabalhadores Agrícolas que acaba de ser encerrada em Viena.

Contratos escorchantes e escravistas

A grande maioria dos camponeses não recebe salário em dinheiro. Como lhes pagam os fazendeiros? Para agravar a exploração, os patrões dão-lhes «vales» ou «cédulas» a fim de serem trocados nos barracões e armazéns da usina de açúcar ou da fazenda onde as mercadorias são vendidas a preços mais elevados que os comércios da cidade.

Os colônos de café são submetidos a tais contratos escorchantes e escravistas que todos os membros da família, inclusive crianças de 5 anos de idade são obrigados a trabalhar. E, embora todos trabalhem, em muitos casos, o que o camponês percebe não passa de 1.000 cruzeiros por mês.

Ainda mais. São obrigados a trabalhar gratuitamente durante certo número de dias durante o ano. O pagamento é feito em espécie. São proibidos de andar livremente na fazenda, de plantar algum milho ou feijão para o seu sustento. As «leis» da usina ou fazenda são drásticas que impedem o trabalhador de pescar ou cacar para amenizar um pouco sua fome e a dos seus filhos.

Os assalariados agrícolas e os colônos não têm direito a coisa alguma, nem a férias nem repouso remunerado; para eles não é válida a jornada de 8 horas, nem salário igual para trabalho igual. As leis de Getúlio só existem

TRINTA E CINCO MIL Cinemas Rurais na URSS

Tal como o poderoso tractor moderno que revolte profundamente a terra para dar vigor à lavoura, o cinema soviético avança em meio aos acontecimentos humanos para impulsionar as lutas que surgem. Assim ele contribui poderosamente para a edificação do comunismo.

Em por centenas que se erguem os salões de projeção na U.R.S.S.. De janeiro a novembro de 1952 foram inaugurados 89 novos cinemas nas aldeias, destacando-se um de dois salões com 700 cadeiras, em Leníngrado; um de três salões, com 1.450 lugares, em Kiev; outro em Kichinev (compreendendo uma sala de projeção de 1.050 lugares, sala de concerto e uma sala especial para projeção de filmes de curta metragem), além de outros em Stalínabad, Marva, Voroneje, Vitebsk, etc.

No campo, cerca de 2.000 novos cinemas foram instalados em 1952.

O regime soviético criou as condições particularmente favoráveis à atividade dos estabelecimentos culturais. Nas aldeias soviéticas existem mais de 30.000 clubes e mais de 40.000 salas de leitura. As instalações cinematográficas, multilínguas num ritmo acelerado.

Existem na URSS 35.000 cinemas rurais. Os cinemas ambulantes andam às pastagens das montanhas, acompanhando os pastores da terra, as aldeias da montanha.

No Extremo Oriente soviético na zona da baía de Yamant, encontra-se um colégio de criação de jovens, que traz o nome de Lênin.

Embora, situado a milhares de quilômetros dos grandes centros culturais os colônos tchuchches recebem jornais e revistas com regularidade, assistem conferências e vêem à medida que aparecem, os novos filmes tão bem como os habitantes das cidades. Em 1951,

groves enfrentando a polícia os cinemas ambulantes da Tchukotka, onde está situado o colégio Lênin, organizaram mais de 3.000 sessões cinematográficas para os criadores e caçadores de renas.

Outro exemplo característico. Na região de Vinita, na Ucrânia, 5 milhões de pessoas assistiram às sessões organizadas por 175 cinemas permanentes e 203 cinemas ambulantes.

Tais sessões comportam não somente filmes artísticos, mas igualmente filmes de divulgação científica sobre agrotécnica, zootécnica, etc.. Cada mês são projetadas as «Notícias de economia rural», documentário em cores, de nível bastante elevado e premiado com o Prêmio Stálin. Este documentário mostra as últimas realizações da ciência agrícola soviética, propaga a experiência dos inovadores da agricultura socialista.

Os clubes rurais não se limitam a projetar filmes. Geralmente, organizam conferências sobre os filmes contidos no programa, conferências que são seguidas de uma discussão na qual participam os colônos.

Para a sessão cinematográfica, o comitê de redatores eleito pelos colônos prepara um número de jornal a ser projetado na tela. As correspondências sobre as notícias locais e sobre os colônos de maior destaque são inscritas na película. A projeção deste jornal sempre obtém sucesso.

Assim, o cinema na URSS enriquece a atividade intelectual dos trabalhadores rurais, colocam-nos ao corrente das últimas realizações da ciência e da cultura. A extensão da rede rural de cinemas comprova rápido progresso cultural da aldeia soviética. Sabe-se que o quinto plano quinquenal prevê, de 1951 a 1955, um aumento de 25 por cento no número de instalações cinematográficas da URSS.

no papel. Essas leis não são cumpridas e quando os camponeses reclamam seus direitos, os latifundiários e o governo de Getúlio desencadeiam sobre eles o terror, toda sorte de perseguições.

Os arrendatários, meeiros, parceiros, agregados e moradores sofrem as mesmas restrições. Não possuindo terra são obrigados a utilizar as terras dos latifundiários que lhes impõem um preço exorbitante. Nada sobre pata o trabalhador de enxada. Quase toda a produção é entregue ao dono da terra e o pouco que lhe fica não pode vender a outro. Tem de vender ao fazendeiro pelo preço que este estabelece. Jamais existe dinheiro em mãos desses camponeses que ficam empunhados até o último fio de cabelo. Suas dívidas os prendem ao latifundiário até o fim da vida.

Aliança Operário-Camponesa para grandes vitórias

Ante todo esse quadro, os camponeses não cruzam os braços, nem por um momento. Os flagelados lutam pela conquista de pão e trabalho.

Reunidos às centenas e aos milhares assaltam as casas comerciais das cidades, os centros de abastecimento pertencentes ao governo, as sedes das prefeituras para exigir alimentos e trabalho.

Os camponeses veem um grande desejo de se organizarem. Vencendo a resistência e as violências do governo no ce latifundiários e grandes capitalistas de Getúlio eles criaram dezenas de Ligas Camponesas. Os camponeses se organizam e lutam. Formam Comissões pela baixa do arrendamento, por melhores contratos, pelo pagamento de férias, pela criação de escolas. Eles se organizam e vão a luta em grandes greves enfrentando a polícia e conquistando suas reivindicações.

Os camponeses marcham para a conquista de grandes vitórias em aliança com a classe operária na qual eles confiam como autênticas aliadas e reconhecem neles os dirigentes da luta por condições de vida melhores e pela sua libertação do atraso e da opressão em que vivem, pela conquista da terra para trabalhar e viver livremente sem a exploração dos grandes latifundiários que causam a sua ruína.

A Militarização da Economia Nos Países Capitalistas

7 DIAS NO BRASIL

A militarização da economia dos países capitalistas significa a passagem da economia nacional desses países para a produção bélica, uma orientação unilateral no desenvolvimento da economia. Isto é, a utilização de imensos recursos materiais, monetários e humanos para ampliar em todos os sentidos a produção de material bélico, o que leva inevitavelmente a reduzir os setores civis da indústria. Em consequência da militarização uma parte cada vez maior da produção e das matérias-primas é destinada ao consumo não produtivo, militar, ou se acumula sob a forma de imensas reservas estratégicas.

A militarização da economia é uma expressão evidente do parasitismo e da decomposição do sistema capitalista. As suas causas estão na própria natureza do imperialismo. A militarização é originada pela ação da lei económica fundamental do capitalismo contemporâneo e pelo aguçamento das contradições imperialistas. No período de após-guerra a militarização atingiu a proporções particularmente grandes.

O colapso do mercado mundial único e a retração da esfera de aplicação das forças dos principais países capitalistas aos recursos mundiais, o aumento da miséria das massas populares em consequência do fato de que os monopolistas aceleraram a caça ao lucro máximo — tudo isto provocou um aumento da ruptura entre a possibilidade de produzir e a capacidade aquisitiva nos países do capitalismo uma brusca redução do mercado capitalista. Em consequência disto aumentou ainda mais a paralisação parcial e crônica das empresas e os fenômenos de crise começaram a crescer rapidamente.

Os monopolistas tentam vencer as dificuldades econô-

O Leitor Joaquim dos Santos, de Recife, Pergunta: «O Que é Militarização e Quais as Suas Consequências?». Como a «Pravda» em Sua Edição de 26 de Junho do Corrente Ano, Publicou Uma Resposta Sobre o Mesmo Assunto, Reproduzimos Aqui Este Importante Artigo da «Pravda» Assinado por A. BETCHIN.

micas que aumentam ininterruptamente através da militarização da economia e das aventuras militares. Visam a manter o nível alcançado da produção e até mesmo elevá-lo antes de tudo à custa das grandes encomendas de guerra liberalmente pagas pelos governos burgueses com os recursos que recolhem dos trabalhadores sob a forma de impostos. Atualmente as encomendas de guerra representam o papel decisivo para os setores fundamentais da indústria dos Estados Unidos e de outros países capitalistas. Em 1952 mais de um terço da produção da indústria de transformação dos Estados Unidos foi representada pelas encomendas militares.

A militarização de economia se expressa de maneira bastante clara no aumento das despesas militares. Por exemplo, nos Estados Unidos as despesas diretamente militares representam atualmente 74 por cento de todo o orçamento.

Em 1952/53, apenas, as despesas diretamente militares dos países que fazem parte do bloco do Atlântico representam, segundo os dados oficiais, evidentemente reduzidos, o dobro de dólares. As despesas com armamentos são tão elevadas que, segundo os cálculos dos economistas progressistas da burguesia, com este dinheiro poder-se-ia construir 4 milhões de edifícios com apartamentos de duas e três peças, formar 50 mil médicos, construir hospitais com 900 mil leitos, edificar 500 mil salas de aulas destinadas a escolas primárias e secundárias e

gestinar 1 bilhão e 200 milhões de dólares para prestar ajuda às crianças de pais necessitados, construir uma linha-trecho dupla com uma extensão de 160 mil quilômetros, destinar não menos de 2 bilhões de dólares à construção de bibliotecas, museus, parques, campos de esportes e destinar 20 bilhões e 600 milhões de dólares para a concessão de pensões às pessoas idosas e aos desempregados.

Para os capitalistas a militarização é o melhor «negócio» e uma fonte de enriquecimento sem precedentes nos monopólios.

Atualmente os lucros dos monopólios nos países do capital aumentaram em relação ao nível de pré-guerra de 10 a 15 vezes. Até mesmo segundo os dados oficiais evidentemente reduzidos, os lucros dos monopólios dos Estados Unidos aumentaram de 3 milhões de dólares em 1938 para 42 bilhões e 900 milhões de dólares em 1951, isto é, aumentaram 13 vezes. Após o início da agressão americana contra a Coreia os lucros dos monopólios começaram a aumentar de maneira extremamente rápida. Em particular, a companhia «General Electric», que representa o papel fundamental na produção da arma atômica, duplicou os seus lucros durante os dois primeiros anos da guerra na Coreia. A firma «Boeing Airline Company», que produz as «fortalezas voadoras», triplicou os seus lucros durante a guerra na Coreia.

Os lucros conseguidos pelos monopolistas ingleses, franceses e italianos também aumentaram de maneira gigantesca. Os lucros da companhia de aviação inglesa «The Heavyland Aircraft» aumentaram de 230 mil libras esterlinas em 1937 para 2 milhões e 488 mil libras esterlinas em 1951. Os lucros da companhia francesa de petróleo «Esso-Standard» aumentaram de 383 milhões de francos em 1947 para 1 bilhão e 274 milhões de francos em 1951.

De onde, porém, os monopolistas retiram lucros tão colossais? Os monopolistas conseguem estes lucros em consequência de uma maior intensificação da exploração da classe operária e das amplas camadas do campesinato e de uma pilhagem impiedosa

dos povos dos países coloniais e dependentes.

Ao desenvolver a produção bélica os monopolistas forçam os operários a intensificar o trabalho de maneira desmedida. Empregam o sistema de extrair o suor na organização e pagamento do trabalho, lançando impiedosamente à rua os operários que não têm forças para suportar uma tensão desumana no trabalho. Os operários demitidos ficam sem meios de ganhar a vida e vão completar o número exército dos desempregados. A existência de um numeroso exército de desempregados piora ainda mais a situação da classe operária.

Os capitalistas intensificam a pilhagem das amplas massas populares também na esfera da circulação: elevam sistematicamente os preços dos artigos de primeira necessidade. Na Inglaterra, por exemplo, os preços dos principais produtos de amplo consumo aumentaram de 3 a 6 vezes em relação ao nível de pré-guerra. Em consequência disto milhões de famílias não têm condições de conseguir totalmente as míseras cotas de mercadorias estabelecidas pelo racionamento.

Valendo-se do aparelho estatal que se encontra à sua disposição, os monopolistas realizam a redistribuição da renda nacional em seu proveito. Com esse objetivo antes de tudo aumentam os impostos, lançando todo o seu peso sobre os ombros dos trabalhadores. Por exemplo, nos Estados Unidos da América os impostos diretos cobrados à população aumentaram de 1937 a 1952 mais de 12 vezes (levando-se em conta a desvalorização do dinheiro). Os impostos pagos pelos trabalhadores representam o item mais rendoso no orçamento dos países capitalistas.

Através dos impostos o Estado burguês consegue dos trabalhadores parte considerável das rendas e as transfere aos cofres dos capitalistas, pagando os fornecimentos de guerra a preços elevados, de especulação.

O aumento das despesas militares provoca a inflação e a desvalorização do papel moeda. Em todos os países do capital marcha o processo ininterrupto de desvalorização da moeda. A inflação provoca o aumento dos pre-

ços e a queda do salário real, com o dinheiro que ganha o operário compra uma quantidade cada vez menor de mercadorias e de qualidade pior. Por exemplo, na França e na Itália o salário real é, atualmente, cerca da metade do de antes da guerra.

Assim, todo o peso da militarização recai sobre os ombros dos trabalhadores que se pauperizam de maneira relativa e absoluta.

A militarização da economia provoca a desorganização da vida econômica dos países capitalistas. Enveredando pelo caminho da corrida armamentista, os imperialistas tentam evitar a crise econômica. A passagem à economia de guerra possibilita aos Estados Unidos e a outros países capitalistas elevar um pouco o nível da produção industrial e retardar o advento da crise. Entretanto, já hoje se manifestam cada vez mais claramente as consequências nefastas da militarização sobre a economia dos países capitalistas.

Assim é que, segundo os dados oficiais publicados pela ONU, em 1952 o índice geral da produção industrial da Inglaterra diminuiu de 4 por cento, na Dinamarca de 5 por cento. Em 1952 a produção de uma série das mais importantes mercadorias de consumo nos Estados Unidos foi consideravelmente inferior ao mesmo em relação ao nível de 1940. Na indústria e na rede comercial dos Estados Unidos se acumulou uma imensa quantidade de mercadorias não realizadas no valor superior a 75 bilhões de dólares. Ao mesmo tempo em que o número dos mendigos e dos que passam fome aumenta continuamente, nos Estados Unidos já se verifica a superprodução de produtos agrícolas Roy Hendrixon, secretário da Federação Nacional das Cooperativas de Cereais, aconselha que os granjeiros devem urgentemente reduzir o plantio de trigo. «Os granjeiros que cultivam trigo devem ter cuidado!» — aconselha.

Como se vê, a militarização, fazendo-se acompanhar de uma pilhagem monstruosa do povo e se realizando à custa de uma redução direta do nível de vida dos trabalhadores, condiciona uma maior redução da capacidade aquisitiva das massas e uma maior retração do mercado capitalista. Em consequência disto a produção capitalista depara cada vez mais com a redução da capacidade aquisitiva. Os fatos de todo dia comprovam de maneira evidente que a hipertrofia da produção bélica e a corrida armamentista conduzem inevitavelmente à preparação, nos países capitalistas, de uma nova e profunda crise econômica.

A militarização da economia provocou um pioramento brusco da situação da classe operária e de todos os trabalhadores nos países capitalistas. Além das privações materiais desmedidas provocadas pela militarização, a preparação para a guerra se fez acompanhar de uma ofensiva mais intensa da reação contra os direitos democráticos dos trabalhadores. Os imperialistas tentam sufocar a resistência da classe operária por meio da repressão e da ressurreição das organizações fascistas. Tudo isto aguçou a situação política nos países capitalistas, ao mesmo tempo em que se intensifica a luta dos povos pela paz, pelo pão e pela liberdade.

DLA 2 — O Congresso Nacional dos Servidores Públicos, realizado em Curitiba, Paraná, enviou um telegrama à ONU, manifestando a esperança de que aquela organização se empenhe eficientemente na solução pacífica das questões internacionais em litígio.

DLA 3 — A Comissão Intersindical Contra a Carestia e o Racionamento, em sua última reunião realizada no Sindicato dos Sapateiros desta Capital, resolveu convidar os Ministros do Trabalho e Viação para um debate público sobre o projeto de emancipação da Light, apresentado à Câmara pelo sr. Euribio L...

DLA 4 — Jornaleiros e estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo muraram fiscais da prefeitura que arbitrariamente quebravam as bancas de jornais. Em seguida realizaram uma passeata até a Prefeitura, exigindo que o Prefeito não tenha um ponto final às violências.

DLA 5 — O professor Castro Rebelo, diretor da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, em declaração à imprensa desta Capital manifestou-se pela legalidade do Partido Comunista do Brasil.

DLA 6 — O deputado federal Joaquim Viagas, deu o seu apoio à próxima Convenção Nacional da Emancipação Nacional.

O Congresso Estadual dos Estudantes do Paraná, manifestou-se por negociações e decidiu que a entidade máxima dos estudantes patrocinasse a campanha do Plebiscito em todo o Estado.

DLA 7 — O industrial Jorge Chama, presidente do Sindicato de Ferro, em dezembro aos jornais desta Capital, manifestou-se pelo restabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética.

DLA 8 — Cinco mil mineiros de Nova Lima, que se encontram em greve, realizaram uma passeata até a capital mineira em protesto contra as míseras condições de vida a que Getúlio condenou o país. A passeata dos trabalhadores foi engrossando à medida que passava pelas ruas centrais de Belo Horizonte, formando um total de oito mil pessoas.

DEPOIS DO 20.º CAMPEONATO DA URSS

Botvink e Taimanov Disputam a Finalíssima

Fim do 20.º campeonato da URSS, dois concorrentes restaram empatados em primeiro lugar: Mikhail Botvink e Marc Taimanov.

Uma série (eliminatória) de seis partidas foi realizada, tendo Botvink triunfado por 3,5 a 2,5.

Na sala de concerto da Casa Central da Armada Soviética, o Vice-Presidente de Cultura e Esportes do Conselho de Ministros da União Soviética, Pesliak, entregou, solenemente a Botvink o diploma de campeão e uma medalha de ouro; e a Taimanov o diploma de vice-campeão.

Uma das partidas mais interessantes desta série foi a quarta. Botvink, que estava com as brancas, abriu com o peão de dama e Taimanov opôs uma Defesa Nimzovitch. No décimo lance, antes de rocar, o campeão jogou: P4CR, ameaçando um ataque sobre o roque adversário. Taimanov antepôs hábil resistência, mas, no momento decisivo, Botvink trocou por um peão e obrigou Taimanov a trocar sua dama por uma torre. A partida foi suspensa e depois reposta no 41.º lance e Taimanov abandonou o jogo sem remar seu lugar.

Vejam esta partida:

Brancas: M. BOTVINIK

Pretas: M. TAIMANOV

1. P4D C3BR
2. P4BD P3R
3. C3BD B5C
4. P3R C3BD
5. CR2R P4D
6. P3TD B2R
7. PXP PXP
8. C4B O-O
9. B2R B4BR
10. P4CR B3R
11. CxB PXC
12. O-O8 D2D
13. P4B C1D
14. B3D C2B
15. P4C P4TD
16. P5CD C3D
17. D3B P5T
18. T2T P3B
19. PXP DXP
20. T2BD D2D
21. P5C B(B)12

22. BxPxq RxB
23. D3Txq R1C
24. CxP B1D
25. P6C C3B
26. CxCxq PxC
27. P7C T1R
28. D8Txq R2B
29. D5Txq R1C
30. T2CR C2B
31. T3B T4T
32. D4T P4R
33. T3T DXT
34. DxD PXPB
35. PXP B3C
36. B2C T4CD
37. R1B B4T
38. T2BD T6C
39. D7D T(6)6R
40. TxPT T8Rxq
41. R2B B2B

Neste ponto a partida foi suspensa. Ao ser reiniciada Taimanov (pretas) não retomou seu lugar.

OUÇA A

Rádio de Moscou

Agora

Com Transmissões Diárias de

1 hora para o Brasil

Das 20 às 21 horas

EM CASTELHANO: das 21 às 23,30 horas

AS TRANSMISSÕES DA EMISSORA CENTRAL DE MOSCOU PARA A AMERICA LATINA SÃO FEITAS PELOS CAMPOS DE ONDA DE 25, 31 E 41 METROS.

O POVO AJUDA COM ALEGRIA A IMPRENSA DA VERDADE E DA PAZ

SÃO PAULO JÁ ULTRAPASSOU 50 POR CENTO DE SUA COTA — A COTA DE PAI AMIRIM, NA BAHIA, FOI COBERTA E SUPERADA DURANTE UM COMÉCIO PROMOVIDO PELA COMISSÃO LOCAL PRÓ-IMPRESA POPULAR — NOVEMBRO MÊS DA CAMPANHA DOS 15 MILHÕES

Um dos mais entusiasmantes exemplos de combatividade, de espírito de ofensiva, de clan vitorioso, nos vem da pequenina Paramirim, cidadezinha da Bahia que também recebeu sua cota na Campanha dos 15 Milhões Pró-Imprensa Popular. Sob a bandeira de «O Momento», o jornal que encarna as tradições democráticas e patrióticas da terra de Castro Alves, organizou-se a comissão de Paramirim, disposta a levar à vitória a campanha naquela cidade. A cota era de 8.000 cruzeiros. Fazia-se necessário um grande esforço de propaganda e de organização para assegurar a rápida vitória da campanha. Dito e feito. A comissão compreendendo o caráter eminentemente popular da campanha, resolveu lançá-la, não de maneira tímida, acanhada, conforme, infelizmente, aconteceu em algumas cidades. O primeiro ato da comissão foi realizar um comício. Então, deu-se o milagre, o famoso «milagre» a que nos referíamos em nossa última edição, que se dá sempre quando sabemos apelar franca e abertamente para a solidariedade das massas — a cota não só foi coberta, ali mesmo, durante o comício, mas ultrapassada em mil cruzeiros.

UMA CAMPANHA ALEGRE

Em São Paulo, onde a campanha vem assumindo um tom alegre e entusiasmado, já foram superados 50% da cota do Estado. Em meio a grande entusiasmo, mais de dez sedes da Campanha já foram abertas e a campanha ganha as ruas. As

comissões travam renhido combate na cobertura de suas cotas e instituíram, além dos prêmios para os vencedores, o «prêmio» da tartaruga viva que cabe aos que ficam marcando passo.

Em Santos, a campanha também ganha as ruas. São instaladas mesinhas e é álbum dedicado a Pra-

tes é vendido adiantadamente sob a forma de inscrição. No ato da inscrição o popular paga o livro para recebê-lo depois uma vez que a edição esgotou-se rapidamente.

Triângulo Mineiro, o álbum de Prestes deu lugar a uma forma inteiramente nova de conquistar contribuintes. Como ali também a edição está esgotada, os exemplares existentes são alugados a 5 cruzeiros.

BANDOS PRECATÓRIOS

Outro exemplo entusiasmante é o de São João do Miriti, onde um bando precatório, apenas com o primeiro comando, atingiu 70% de sua cota. Seguindo o mesmo caminho, os ajudantes de Cabo Frio obtiveram

êxito ainda mais «surpreendente» — cobriram a cota da cidade com apenas um comando.

A CARTA DOS VITÓRIOSOS

Na carta publicada na IMPRESA POPULAR a Comissão de Marachol Hermes transmitiu também as experiências que a levaram a cobrir a cota muito antes do término da campanha. Tão calorosa foi a acolhida popular à campanha de ajuda aos jornais da verdade e da paz que a falta de entusiasmo inicial daquela comissão foi logo substituída por um espírito novo que a levou a conquistar todos os prêmios de emulação e passar, doravante, a ultrapassar de muito a sua cota inicial.

NOVEMBRO — MÊS DA VITÓRIA

Qual a lição mais importante que esses exemplos transmitem. É de que, em toda parte onde a campanha foi levada às massas, a vitória coroou os esforços dos ajudantes, das comissões e dos clubes. Onde os ativistas da campanha souberam defender a imprensa da verdade e da paz, desmascarando ao mesmo tempo os jornais de aluguel que estão a serviço dos exploradores imperialistas, que recebem dinheiro dos trustes como a Light e vivem das negociatas com o Banco do Brasil, ali o povo contribuiu prontamente, porque ele sente a imprensa popular como algo de realmente seu. Como um instrumento poderoso para a sua luta por melhores condições de vida, por um Brasil democrático e independente.

Mais Ardor e Entusiasmo Na Difusão da VOZ OPERÁRIA

POR NOVOS E CONSIDERÁVEIS AUMENTOS NA CIRCULAÇÃO DA "VOZ OPERÁRIA" — É NECESSÁRIO NÃO SÓ DOBRAR OU TRIPLICAR AS COTAS ATUAIS MAS, EM CERTOS CASOS, AUMENTAR DEZ VEZES MAIS

ESTAMOS em novembro, mês de arrancada para a vitória da Campanha dos 15 Milhões. Cumpra a todos, amigos, leitores e agentes da VOZ OPERÁRIA, aproveitar a Campanha para alcançar, ao lado da cobertura das cotas de finanças, novos e consideráveis aumentos de difusão, levando às massas neste momento em que elas lutam a orientação justa e revolucionária para solução de seus problemas.

Precisamos sair da Campanha dos 15 Milhões, com novos milhares de contribuintes e leitores, elevando consideravelmente o atual nível de difusão, que mesmo nos lugares onde ele é mais elevado, ainda se encontra muito abaixo das necessidades políticas e do real interesse das massas.

A partir da própria Matriz, até hoje, ainda não dispensamos a atenção suficiente a essa importantíssima questão. Um exemplo disso encontramos nas cotas de diversas Agências e Sucursais.

Que São Paulo Ocupa o Seu Posto

A Sucursal de São Paulo, justamente por se encontrar situada no maior centro industrial da América do Sul, era quem devia liderar a di-

A Comissão Nacional da Campanha dos 15 Milhões de Cruzeiros, através da VOZ OPERÁRIA, solicita da Comissão Estadual Pró-Imprensa Popular de Sergipe o envio do seu endereço, com a máxima urgência.

fusão da VOZ. Entretanto, isto não acontece, pois perde para a Sucursal de Porto Alegre e sua tiragem que vem caindo de número para número, agora, em novembro, é TRINTA POR CENTO INFERIOR à que tinha em agosto. A cota da Capital, proporcionalmente, é inferior à de Porto Alegre e do Distrito Federal, quando deveria ser muito maior.

Será que os amigos, leitores e agentes vão permitir que a Sucursal continue caminhando para trás ou vão impeli-la com entusiasmo e audácia no caminho da conquista do primeiro lugar?

No Norte e no Nordeste

Também no Norte e no Nordeste as coisas não vão indo bem.

As cotas de Fortaleza e de Recife, reunidas, somam pouco mais que o total de exemplares difundidos pela cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

A cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, difunde mais exemplares que os Estados do Piauí, Maranhão e Pará, juntos.

Apenas a cidade de Santos, em São Paulo, vende mais jornais que todo Estado do Ceará e as cotas do Piauí, Maranhão, Pará Amazonas e Rio Grande do Norte, somados, ainda são inferiores ao total de exemplares vendidos por aquela cidade.

isto Será Cota?

BANGU é um bairro do

Distrito Federal. Um bairro não é um Estado, mas, as vezes acontece coisas assim: Bangu, sozinho, vende mais jornais que os Estados de Espírito Santo, Mato Grosso, Goiás e Paraná, juntos. E note-se que Bangu vende pouquíssimo. E já que falamos em Paraná a cota desse Estado corresponde a 40% dos jornais que divulga a cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

E Minas Gerais? Minas divulga menos jornais que a cidade de Rio Grande, isto porque em Morro Velho e Lafaiete, onde o prestígio do semanário de Prestes é imenso, a VOZ hoje não está chegando. Também as cotas da zona do Triângulo Mineiro são simplesmente ridículas. Que dizem nossos amigos de Belo Horizonte?

Apenas UM AGENTE! Sim, apenas um agente do Distrito Federal, INDIVIDUALMENTE, difunde mais jornais que os Estados de Goiás, Mato Grosso e Paraná, reunidos, o que quer dizer que as cotas desses Estados podem ser MUTAS vezes maiores que as atuais.

Não Basta Dobrar ou Triplicar

A Campanha dos 15 Milhões temina este mês, mas a batalha da difusão prossegue. As comparações feitas ilustram suficientemente o baixo nível de difusão e mostram a necessidade imediata não apenas de dobrar ou triplicar as cotas atuais, mas, em certos casos, aumentar dez vezes mais.

Todos, amigos, leitores e agentes devem lançar-se com ardor e entusiasmo, neste mês que ainda resta de Campanha, para aumentar também em ritmo de campanha a difusão de nosso querido semanário, preparando assim o terreno para novos aumentos de tiragem da VOZ OPERÁRIA!



**Envie Hoje Mesmo
Sua Contribuição Para a
CAMPANHA DOS 15 MILHÕES**

SOLICITAMOS DOS NOSSOS AMIGOS E LEITORES QUE POR QUALQUER DIFICULDADE AINDA NÃO PUERAM DAR SEU APOIO À CAMPANHA DOS 15 MILHÕES, QUE ENVIEM SUA CONTRIBUIÇÃO POR INTERMÉDIO DA "VOZ OPERÁRIA", A AVENIDA RIO BRANCO, 257, 17.º ANDAR, SALA 1712.

**TUDO PELA VITÓRIA
DA CAMPANHA DOS 15 MILHÕES**